

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**André Ribeiro Reichert**

**MÍDIA TELEVISIVA SEM SOM**

**PORTO ALEGRE**

**2006**

**André Ribeiro Reichert**

**MÍDIA TELEVISIVA SEM SOM**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestrado em Educação.**

**Orientador :  
Prof. Dr. Carlos Skliar**

**Co-orientadora:  
Profa. Dra. Maura Corcini**

**Porto Alegre**

**2006**

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

R351m Reichert, André Ribeiro  
Mídia televisiva sem som [manuscrito] / André  
Ribeiro Reichert. – Porto Alegre : UFRGS, 2006.  
f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa  
de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS,  
2006.

Orientação: Carlos Skliar. Co-orientação: Maura  
Corcini

1. Televisão – Surdos. 2. Mídia – Surdos. 3. Televisão  
– Programa – Legenda em português – Intérprete de Libras.  
4. Televisão – Deficiente da audição. 5. Cultura visual –  
Imagem – Televisão – Surdos. I. Skliar, Carlos Bernardo.  
II. Corcini, Maura. III. Título.

CDU: 659.148.4-056.263

---

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes CRB 10/463

**André Ribeiro Reichert**

**MÍDIA TELEVISIVA SEM SOM**

**Banca Examinadora:**  
**Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer (UFGRS)**  
**Profa. Dra. Adriana Thoma (UNISC)**

**Passo à família e amigos**

## AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho só foi possível na medida em que pude contar com o apoio...

... em 1º lugar à minha mãe, Charmaine e também a minha irmã, Adriana por todo apoio que me deram na vida, desde o meu nascimento até agora, por tudo que já fizeram por mim e sei que ainda irão fazer;

... à minha família, pelo carinho constante e pela compreensão dos meus amores e humores instáveis, porém sinceros;

... ao orientador Carlos Skliar pelo incentivo e exemplo à comunidade Surda;

... à minha amiga e co-orientadora Maura que me ajudou nas horas mais importantes, teve muita paciência ao me auxiliar na elaboração deste trabalho;

... aos amigos mais próximos por pacientemente entenderem as razões da minha ausência;

... à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFRGS, que apoiaram meu trabalho através dos programas de fomento à pesquisa e à conclusão e dissertações;

... do Concórdia, pela liberação das atividades docentes na instituição para a escrita desta dissertação;

... Marlene Danesi que me acompanhou, desde bebe, e que me deu muita força, me acreditar no meu potencial;

... da Maria Cristina P. Pires, Ângela Russo, Karin Wentzel, Marlei Azevedo, Luiz Daniel. Foram os suportes teóricos, morais, psíquicos e espirituais da turma das “intérpretes” nas aulas;

... à Keila Teixeira que socorreu em momentos difíceis;

... aos professores Rosa Maria Bueno Fischer, Alfredo da Vieira, Sandra Corazza demonstrou vários caminhos para minha pesquisa, foram estímulo concluir este trabalho;

... à Ana Luiza P. Caldas e Augusto Schallberger pela paciência compartilhar meus estudos;

... à Alexandra Carvalho, por ter me ajudado a formatar o trabalho;

... da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, pela receptividade e apoio desenvolvimento da pesquisa junto ao grupo de surdos.

*“o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos apoderar-nos”*

Michael Foucault , *L'Ordre du discours*, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.

## RESUMO

Esta dissertação aborda recepção da mídia por parte de sujeitos surdos e a produção da análise de narrativas surdas, como a mídia sem som faz circular enunciados sobre os surdos e como estes recebem o que está sendo veiculado pela mídia sem som. Foram analisadas narrativas de pessoas surdas sobre alguns programas televisivos que contam com a presença de intérpretes de Língua de Sinais, programas que possuem legendas em Português, e programas que não possuem qualquer tipo de tradução para surdos. Foi possível conhecer o que essas pessoas entendem e captam do que estava sendo veiculado pelos programas que utilizam diferentes recursos ao transmitirem suas mensagens à estes telespectadores. A pesquisa traça caminhos que apontam para a questão das identidades surdas e a volatilidade de entendimentos em relação à mídia por parte dos surdos, suas interpretações, desejos e anseios em relação à televisão. A televisão é vista na pesquisa como um artefato cultural que comunica e constitui a todos os que direta ou indiretamente estão diante dela. Orientando-se pelos Estudos Culturais e pelos Estudos Surdos, a pesquisa buscou forte inspiração nos Estudos de Recepção para olhar e problematizar as narrativas surdas sobre o que assistem e entendem dos programas televisivos. Atestou-se que nas narrativas surdas a mídia com legenda é preferida em relação a outras modalidades de apresentação, pois esta permite aos surdos que dominam a leitura tenham uma compreensão rica e detalhada da informação transmitida. Os intérpretes, quando aparecem na televisão, ficam no canto da tela num enquadramento muito pequeno, o que dificulta que os surdos visualizem bem os sinais. Na visão deles a presença do intérprete possibilita viver emoções não experienciadas nos programas que possuem legenda em Português. No entanto, esta modalidade de comunicação/tradução, por não ter qualidade de imagem na maioria dos programas, impossibilita aos surdos o acesso às informações e a permanência prazerosa em frente à televisão. Estes alegam desconforto gerado pelo esforço visual feito para entender o que está sendo traduzido. Admitindo que as imagens possibilitadas pela televisão interpelam aos surdos de modo particular e significativo - pois o visual é um traço cultural surdo - os sujeitos que participaram da pesquisa alegam que em relação à mídia sem tradução — em legendas ou intérpretes —, perde-se grande parte do que está sendo transmitido, e estes não tem condições de afirmar com consistência o que conseguiram ler através daquelas imagens. Consequentemente, os surdos preferem não se pronunciar sobre o que viram, embora admitam que, aquilo que conseguiram captar das imagens aparecem no seu cotidiano através das roupas, modismos e dos desejos de consumo. Através da cultura visual, os surdos tendem a narrar-se como sujeitos que compartilham de uma cultura midiática mais ampla, traduzindo e ressignificando elementos da mídia, incorporando e movimentando sua cultura e sua língua. Considerando que não há discussões e pesquisas acadêmicas enfocando o sujeito surdo como receptor de imagens de mídia televisiva, nem mesmo como sujeito aprendiz a partir do que assiste, este trabalho apresenta uma abordagem nova na pesquisa em Educação.

Palavras-chave: Programas televisivos. Mídia. Surdos. Legenda em Português. Intérprete de LIBRAS



## ABSTRACT

This academic study is about the reception of media by deaf people and the analysis production of deaf narratives, such as the soundless media which exerts a certain influence over them and how do they receive it by the soundless media. Deaf people narratives were analyzed about the use of Brazilian sign Language and closed caption system in Portuguese on TV programs as well as the lack of it on some of these programs. It was possible to get to know what this people can get from it and really understand from what was being transmitted by programs that make use of the translation resources already mentioned in order to reach this specific public. This research presents ways that lead to “deaf identities” and their levels of understanding regarding media, their comprehension, desires, anxieties related to television. The TV is presented in this study as a cultural device which communicates, directly or not, to everyone seated in front of it.

The Cultural Studies, Deaf Studies and Reception Studies – this one specially – were used to guide this research, to find the difficulties of the deaf narratives about what do they absorb and understand from TV programs. Through this narratives it was found out that media with subtitles it is on the top being preferred instead of translators, because it allows those deaf that can read to obtain a rich and detailed information. The translators, when are shown on TV, they appear in a small squared box, what making it hard for deaf to see and understand the signs properly. For them, having a translator helps them to put life on the information received – what it’s not possible when all they have is subtitles. However, this way of communication/translation due to lack of image quality in most of this programs this makes impossible for the deaf ones to have access to the information in its integrity and also put them off o watching TV. They feel unconfortable with all the effort they have to put in order to understand what it has been translated. It’s a fact that images coming from television touch deaf people in a very particular way – which is also part of they culture – those ones that contributed for this study say that regarding to media with no translation – no subtitles, no translators – that they miss great part of what it is being transmitted and they can’t say for sure what they could grasp from those images, although some of the images do appear on their daily lives, such as clothing, trends, and objects of their desire. Trough their visual culture the deaf tend to expose themselves as those who share a wider mediatic culture, translating and giving a new meaning to some of the media elements, incorporating and putting into motion their own culture and language. Taking in account there are no discussions, academic researches pointing to the deaf as an image receptor from TV media, and not even as a learner from what he sees this study presents a new topic on educational research.

Key Words: TV programs. Media. Deaf. Portuguese Subtitles. Brazilian Sign Language Translators

## SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO p. 11**

**2 A EXPERIÊNCIA DE SER SURDO E A RELAÇÃO COM A MÍDIA TELEVISIVA  
p.15**

**2.1 Alternativa ao som: a diferença surda p. 19**

**2.2 Os Limites surdos diante de programas não pensados para os surdos p. 24**

**2.3 Flashes da história surda: como nos tornamos o que somos p. 31**

**2.4 Os Limites da investigação: a produção dos dados p. 39**

**3 O OLHAR SURDO SOBRE OS PROGRAMAS TELEVISIVOS p. 45**

**3.1 Aspectos culturais: movimentos surdos e reivindicação de acesso aos  
programas televisivos p. 47**

**3.2 Presença de Intérprete p. 57**

**3.3 Com legendas p. 61**

**4 LEITURA, MOVIMENTOS E REIVINDICAÇÕES NA MÍDIA p. 67**

**4.1 A poética da imagem e leitura p. 67**

**4.2 Passando para o outro lado p. 80**

**4.3 A visibilidade de uma pessoa surda nas telas p. 85**

**4.4 Surdos nos programas televisivos: o Jornal Visual p. 86**

**4.5 Campanha “Legenda Nacional” p. 87**

**5 CONCLUSÕES p. 91**

**REFÊRENCIAS**

## 1 INTRODUÇÃO

Trabalho há muitos anos na educação de surdos, sou professor há 14 anos. Desde muito cedo em minha vida, me estimei pelo contato com a televisão, sendo minhas tentativas vitoriosas ou não, já que este meio proporciona em sua forma de transmissão uma certa recusa, um certo limite em relação a todos, eu acredito. Meus alunos sempre me perguntam, em geral, nas segundas-feiras, se eu assisti algum programa no domingo, e a pergunta são sempre a mesma: “Tu entendeste professor? Poderia me explicar?” A partir das minhas experiências como sujeito surdo, como professor de alunos surdos e ouvintes que com frequência me interpelam, questionando-me sobre os muitos programas televisivos que assistem e que, na maioria das vezes, pela falta de legenda ou de intérpretes, não conseguem acompanhar o que é dito. Os programas televisivos estão cada vez mais dinâmicos, com propostas inovadoras e com programas interessantes que acabam prendendo em frente a televisão, por muitas horas, as famílias. Considerando que muitos dos acontecimentos, que ocorrem no mundo são transmitidos pela telinha e tendo em vista que, a cada dia mais, somos chamados a dar opiniões sobre tais acontecimentos é que me mobilizei a investigar a recepção de pessoas surdas ao assistirem programas televisivos.

Neste sentido, em minha pesquisa de mestrado, procurei conhecer as experiências surdas com a mídia televisiva, mais especificamente com a mídia televisiva legendada. Para tanto, montei um grupo de 20 pessoas surdas que tinham a tarefa de assistir alguns programas e conversar entre eles sobre o que assistiam. Foram encontros filmados por mim com a finalidade de poder ver, em outros momentos, as discussões feitas por aquele grupo de pessoas. Vale salientar que eu também ocupava um lugar no grupo. Como pesquisador, fazia perguntas, comentários sobre o que eu conseguia entender dos programas que possuíam legenda, enfim, meus papéis se mesclavam naquele momento, ora ocupava o lugar de mais uma pessoa surda que assistia televisão e ora ocupava o lugar do pesquisador. Foi interessante ocupar essas posições e, ao mesmo tempo, tentar manter comigo mesmo uma espécie de vigilância, pois não queria dirigir as discussões e os comentários dos sujeitos que participaram de minha pesquisa.

Os sujeitos que participaram da pesquisa eram todos surdos, possuíam diferentes condições de domínio tanto do Português escrito, como da LIBRAS – a

Língua Brasileira de Sinais. Também possuía diferentes níveis de escolarização, acontecimento que está muito associado à compreensão do que estava sendo passado através de legenda nos programas.

Pelas diferentes experiências que pude observar sendo desencadeadas em frente à televisão entre os sujeitos da pesquisa e, por que não dizer? Entre os programas e os sujeitos, pude ver que quando não há legendas para possibilitar o acesso dos surdos ao que está sendo transmitido, esse mantêm uma relação de curiosidade em relação às imagens. Imagens que são capturadas pelos sujeitos surdos e que informam coisas que nem sempre correspondem ao que a notícia falada emite.

Após muitas vezes para o que era dito pelos surdos assistirem aos programas, após muitas leituras sobre estudos de recepção e junto com elas muitas horas de dedicação para que eu pudesse me apropriar de palavras— expressões em Português que não diziam nada para mim—, além de me apropriar da teorização que escolhi para me guiar por caminhos ainda não feitos, consegui formar uma primeira afirmação sobre meus dados. Os sujeitos surdos, por mais que não contem com legendas nos programas televisivos, não ficam excluídos ou afastados do que está sendo veiculado. As cores, os movimentos, os recortes das cenas e o uso das luzes informam coisas aos surdos, porém as informações captadas, quando são colocadas para ouvintes, nem sempre correspondem ao que foi colocado. Essa experiência estranha para nós, surdos, produz sentidos a partir do que, com os programas, somos capazes de vivenciar. Para muitos meios, o que diz o que uso da palavra “SEM” tem a idéia de dívida, de precisar pagar algo, um sentimento de não completo, como se a “falta” de algum sentido tivesse que obrigatoriamente ser paga por um outro. Não é isso que mostra o meu trabalho, o fato do título ser “A mídia sem som”, não quer dizer que nos surdos estamos em falta com algo, ou que ficamos devendo pelo fato de estar sem o som. Sabemos que ele existe e em certos momentos podemos senti-lo. Lembro da minha infância que diante de uma caixa do som da televisão perguntava e ainda hoje pergunto, para que serve isto? Nem adiantaria escutar o sentido concreto das palavras, porém posso sentir as ondas do som que vem me seguindo, como o tom do vento batendo sobre a minha mão. Os sons nos meus ouvidos não batem como bate a água nas pedras sobre o meu tímpano, mas nos meus olhos e em algum momento na minha pele. Em vários momentos tento localizar as visões desta pesquisa de forma a pensar aquilo que

para mim existe como que o ar apoiando o Som e fazendo-o voar até seu esconderijo, como uma toupeira em sua toca. O meu canto só receberia vibrações imaginadas e atravessadas pelos meus olhos.

A partir das leituras que fiz dos Estudos Culturais e dos estudos de recepção aprendi que quem assiste televisão é interpelado por aquilo que vê, tornando-se não apenas um telespectador passivo em frente da tela, mas aquele que assiste aos programas televisivos torna-se parte do que vê. Os sentidos dados as coisas vistas só são possíveis devido à posição que os sujeitos que assistem televisão ocupam para significar as coisas. A posição ocupada na rede social de quem assiste televisão, somada ao acesso ou não do que é informado por quem fala, determina as condições não só de leitura das coisas como do próprio telespectador. A televisão faz parte de nosso dia-a-dia quando estamos em frente a ela e quando estamos com diferentes grupos sociais que trazem seja pela moda, seja pelos comportamentos, seja pelo que conseguem armazenar de informações, seja pelo que entendem ou não, aquilo que ela veicula para as atividades cotidianas.

Portanto, pesquisar o que os sujeitos surdos conseguem ver nos programas com legenda e o que eles conseguem ver nos programas sem legenda foi um desafio, pois inúmeras vezes me via no lugar daquele que também não sabia se algo mais estava sendo dito. Os leitores de meu trabalho com certeza irão perceber esse lugar estranho que ocupei e que vejo como sendo produtivo e interessante de manter no trabalho, pois mostra a forma surda de ver, se posicionar e trabalhar com as questões que me propus investigar.

Decidi trabalhar com meus dados de diferentes formas, uma através de unidades de análise que será apresentada mais detalhadamente no último capítulo, desse trabalho e outra trazendo fragmentos de narrativas em diferentes capítulos e momentos de meu texto, assim penso que ele fica mais visível, mais surdo.

O texto da dissertação está dividido em três grandes capítulos. O primeiro capítulo intitulado “A experiência de ser surdo e a relação com a mídia televisiva” tem o objetivo observar a forma como os surdos recebem e narram a experiência com a mídia, situando os sujeitos em uma posição dentro da produção midiática. Para tanto busquei deixar claro para os leitores como me inscrevo em minha própria pesquisa, digo às razões que me fizeram escolher a mídia, mais especificamente, programas televisivos legendados, com a presença de intérpretes e sem nenhum tipo de tradução para surdos, para buscar conhecer as diferentes recepções de

surdos diante do que assistiam na televisão. Busquei também nesse capítulo contar um pouco de minhas experiências como surdo transitando em uma língua escrita que não domino, além de contar minhas experiências cotidianas. Faço isso com o objetivo de mostrar as diferenças que nos fazem ser os outros dos ouvintes e nos fazem viver situações distintas diante da televisão. Apresento ainda nesse capítulo, uma pequena sinopse dos programas que passei para os sujeitos da pesquisa assistirem. Faço isso com a idéia de dar mais informações aos leitores sobre o que assistíamos, assim acredito que poderão criar medidas diferenciadas de avaliação diante das narrativas surdas sobre o que percebiam e conseguiam ler nos diferentes programas que assistimos. Para finalizar o capítulo tento fazer algumas amarrações de cunho metodológico para orientar os leitores dentro dos caminhos que escolhi.

No segundo, capítulo intitulado “A recepção surda dos programas televisivos”, busquei desenvolver conceitos que julgo serem centrais em minha pesquisa, o conceito de recepção e de cultura visual. Trago alguns autores para me ajudarem a desenvolver tais conceitos, por exemplo: Adriana Thoma, Maura Lopes, Elizabeth Ellsworth, Rosa Fischer e Owens Wrigley. Cito aqui também alguns excertos de meus materiais de pesquisa para poder tramar aquilo que consegui pensar e ver durante os processos tenso, instigante e vivo de produção de dados para a minha investigação.

No terceiro capítulo intitulado “O surdo na mídia: passando para o outro lado” dediquei-me à apresentação das análises de forma mais detalhada. Para tanto divido esse capítulo em 3 unidades analíticas, formadas a partir das recorrências das narrativas surdas produzidas ao serem instigadas por mim ao final de cada programa que assistíamos juntos, com o intuito de verificar como os surdos se sentem tendo sua cultura e língua apresentadas na televisão. As unidades analíticas que desenvolvo em subtítulos são assim denominadas por mim: I. A Visibilidade de uma surda no cinema, II. Surdo nos programas televisivos, III. Campanha: Legenda Nacional.

Nas considerações finais, refaço o caminho de minha pesquisa dizendo o que aprendi durante o tempo do mestrado, que sentimentos vivenciei, que descartes tive que fazer, que dificuldades me deparei, enfim, tento contar um pouco o que é ser um pesquisador surdo na academia que não é um espaço pensado para nós. Faço uma espécie de desabafo, uma espécie de acerto de contas comigo mesmo. Finalizando

minhas conclusões, retomo minhas questões de pesquisa e tento dar a elas possibilidades de respostas mesmo que elas sejam provisórias.

Sendo esse o caminho que os leitores irão encontrar aqui, convido-os a lerem comigo meu trabalho, porém antes esclareço que esse trabalho foi escrito a muitas mãos. Além das minhas mãos surdas tentando escrever em Português, tive as mãos de minha co-orientadora, professora Maura, as mãos de meus intérpretes Luiz, Karin, Cristina e Ângela. Todos juntos, de muitas formas, produzimos o texto que apresento. Com certeza vocês encontrarão estilos marcados da escrita de cada uma dessas pessoas. Não apagamos tais estilos justamente para deixamos marcada a maior dificuldade que encontrei durante esses dois anos de pesquisa, ou seja, escrever em Português idéias, interpretações e sentimentos construídos em Língua de Sinais.

## **2 A EXPERIÊNCIA DE SER SURDO E A RELAÇÃO COM A MÍDIA TELEVISIVA**

Ao tornar a surdez e os surdos como questões epistemológicas e ao focalizar os discursos e representações que circulam em produtos culturais como os filmes, convido os leitores e leitoras para pensar outras possibilidades, para duvidar das verdades que estão aí, para colocar na agenda social e política outros modos de ver e narrar a alteridade surda. (THOMA, 2004, p. 58).

Atuando como professor e espectador, tenho me questionado sobre a mídia e seu envolvimento nas discussões dos surdos. Mais especificamente, sobre o lugar que a mídia ocupa dentro de uma comunidade que possui o visual como referência. Sobre as falas e não tradução das mesmas em legendas ou por intérprete na mídia televisiva, que se faz com som. Há uma barreira na comunicação existente entre esta forma de comunicação e as pessoas surdas. A falta de acessibilidade ao conteúdo dado oralmente dos programas tem gerado conflitos significativos de informação e, também, na construção do significado no imaginário dos surdos.

Permanece até os dias de hoje em mim, o sentimento de não ser “tocado” pela televisão. Assistio a alguns programas e percebo que eles me atingem apenas

em parte através da imagem, mas não na sua complexidade de conteúdos. A compreensão de quem assiste aos programas televisivos se dá no caso do surdo, comparando-o com o ouvinte, de forma *limitada*, dificultando não só a compreensão do que está sendo enunciado, mas também propiciando outras formas de leitura do que está sendo apresentado. O surdo não acessa as mensagens sonoras da televisão, e como no som estão contidas informações as quais ele não toma conhecimento, sua leitura e interpretação se dá pelas imagens, pelos movimentos das cenas e pelas luzes que se modificam conforme a mensagem quer transmitir.

Baseado nos escritos de ELLSWORTH (2001), as questões que formulo quando estou em frente à televisão são: À quem este programa quer atingir? Quem este programa pensa que eu sou? Este produto me atinge, mas de que forma? Um programa de televisão tem como objetivo atingir um determinado espectador. Mas quem é este espectador?

Para me comunicar eu necessito de um olhar direto para mim. Se a pessoa não me olhar nos olhos ela não irá me compreender. Se a pessoa não sinalizar, quem não irá compreender sou eu. Então eu não me vejo nos programas de televisão, no sentido de que a linguagem é fundamental para a comunicação e para que os programas sejam endereçados aos surdos. E isto está diretamente relacionado com o lugar de poder produzido entre o espectador e o que é visto. Ellsworth (2001), em seus estudos sobre cinema, pode apontar um caminho para essa compreensão. Falando sobre o modo de endereçamento, a autora aborda o modo de endereçamento em filmes de Hollywood, dizendo que:

Existe uma 'posição' no interior das relações e dos interesses de poder, no interior das construções de gênero e de raça, no interior do saber, para a qual a história e o prazer visual estão dirigidos. (ELLSWORTH, 2001, p. 15).

Portanto, novamente pergunto *para quem esses programas são dirigidos? E que posição o surdo ocupa no interior das relações produto/espectador?* Vejo como sendo fundamental a escolha da forma e da linguagem com que um programa é produzido. Um programa deve ser pensado a partir do público que ele quer atingir. A interpelação do outro/telespectador só acontece quando esse é tocado pelos programas que assiste por algo que lhe faz sentido. A definição de uma linguagem que seja comum entre quem assiste e aos próprios programas é condição primeira para que uma relação de necessidade seja gerada entre telespectador e programas.



Aí a importância de ter claro para quem um programa televisivo é endereçada. Olhando para quem está sendo endereçado um programa podemos perceber quem não está incluído em determinado projeto. Para que telespectadores surdos possam ser “tocados” pelo que assistem é necessário que a comunicação se estabeleça, seja ela por meio de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, seja ela por meio de legendas, ou seja ela pela imagem pensada para os surdos e não para ouvintes (esta última quis marcar, mas entendo ser inviável economicamente, pois exigiria quase que um canal surdo). Entendendo, dessa forma, buscar conhecer o que sujeitos surdos conseguem entender do que é veiculado nos programas de TV torna-se fundamental.

Sendo a linguagem fundamental na construção das coisas sobre as quais falamos, os surdos acessam os programas pela intermediação dos ouvintes, e pela leitura de imagens que não são a eles endereçadas. Ellsworth (2001) fala de cinema, mas é possível fazer uma comparação destacando que praticamente não há produções cinematográficas ou televisivas no Brasil cujo endereçado seja uma pessoa surda.

Para que eles se tornem parte da estrutura de relações que compõem o sistema de olhares, de desejos, de expectativas, de tramas narrativas e de gratificações que compõem a experiência de ir ao cinema, eles têm que estar “lá”. Para que eles “completem” o filme tal como seus produtores imaginaram que eles o fariam. (ELLSWORTH, 2001, p. 15).

O estar “lá”, a que a autora se refere, diz respeito a sentimentos de quem assiste filmes e que vai ao cinema buscar algo que faça sentido para si. A posição de sujeito que ocupa quem assiste, neste caso, filmes, dependerá das formas e dos momentos do enredo que quem assiste for capturado. O surdo teria então que estar em uma posição que contemplasse as expectativas de uma produção televisiva no sentido de compartilhar de seus significados. Sendo a linguagem fundamental nesse processo, é como se o surdo tivesse sua subjetividade recortada, podada por uma trama narrativa que não foi feita para ele e que lhe dá poucas condições de acessar o seu conteúdo. A autora também destaca a volatilidade do espaço entre o público e a obra, sendo nesse espaço o lugar onde ocorre a manipulação. Mas como ver isto no caso do surdo?

Essa volatilidade se daria então em termos de uma leitura das imagens e não de um conteúdo lingüístico estruturado e se daria também pela leitura através dos ouvintes. O ouvinte que interpreta uma mensagem da televisão estaria se passando o seu próprio entendimento, ele é um endereçado, ele ouve as mensagens da televisão. O surdo que recebe tal mensagem interpretada teria uma leitura de um endereçamento secundário, traduzido, que não foi feito para ele e nem foi lido por ele próprio. O espaço volátil entre o produto televisivo e o surdo parece ser então de umas peculiaridades bastante interessantes, sendo a volatilidade produzida a partir de uma alteridade que é um lugar de dependência.

Penso nessa questão da subjetividade e do endereçamento como uma espécie de apreensão. Como os ouvintes podem selecionar programas, identificar-se com alguns, desprezar outros? Como os ouvintes podem sentir-se sensibilizados com alguma reportagem, filme, ou novela? Como podem ainda não perceber-se enquanto endereçado de um programa qualquer e por isso jogar tal informação em um “canto” esquecido da memória? O não acesso aos conteúdos lingüísticos parece limitar a compreensão surda sobre as coisas e os acontecimentos. Diariamente os surdos vão construindo seus significados nesse constante “desencontro” entre as mensagens divulgadas pela televisão e as posições que o sujeito surdo ocupa na sociedade.

No cotidiano o surdo não consegue fazer perguntas sobre o conteúdo de um programa, se não conseguiu entender minimamente algum programa que foi passado na televisão. No contato com a televisão, embora entenda que não somos passivos em relação ao que ela veicula, não há, ou melhor, nem sempre há interação, não há como pedir para que ela repita o que foi dito, não há como pedir esclarecimentos, a comunicação estabelecida tem um caráter unidirecional, só a TV “fala”. Além do mais, não existe a possibilidade de as pessoas surdas contarem, vinte e quatro horas, com alguém para interpretar o conteúdo dos programas. Claro, tanto ouvintes como surdos podem não compreender a mensagem, mas ao surdo é vetado, inclusive, o acesso à mensagem que tem narração oral.

Essa dependência de tradução das informações sonoras me parece complicada pelo fato de as informações sofrerem uma “redução” um “enxugamento”, já que os ouvintes não traduzem todas as falas respectivamente. Lembro de a minha vida inteira eu ter perguntado para a minha mãe o que se passava na novela e minha mãe respondia simplesmente: “É bobagem!”, se recusando a traduzir as

cenar em sua totalidade e alegando que o que estava sendo falado não tinha a menor relevância. Há poucas semanas a comunidade surda do Brasil comemora o fato de pela primeira vez na história uma novela ser legendada pelo sistema *Closed Caption*, e possibilitar que os surdos alfabetizados possam assistir à novela sem a ajuda de ouvintes. Ao assistir à novela pela primeira vez com as legendas, tive de concordar com a minha mãe. É verdade! O que é falado na novela pode ser considerado como desprovido de qualquer relevância. No entanto o que eu queria era constatar isso sozinho. E a irrelevância das falas nas novelas me revelou algo de suma importância: nas nuances da língua oral se escondem significados que hipoteticamente penso como determinantes nas diferentes formas de recepção das informações e negociação cultural de das próprias imagens. Para a comunidade surda, como se dá a recepção dessas imagens sem som e, portanto, sem essas variações que a língua oral possibilita? Falas, músicas, assobios, gírias e outros artifícios da linguagem televisiva entram como determinantes da relação subjetiva com a mídia que os surdos não têm acesso, e, portanto constroem esta relação somente através de imagens, movimentos, luzes.

Minha escolha na realização desta pesquisa relaciona-se com minhas vivências, pois tendo nascido surdo a experiência que tenho da mídia exerceu uma influência, suponho, diferenciada em mim. Minha família me supriu de informações, completas, seja através de explicações, exemplos, leitura orofacial ou dramatizações, por isto cresci com nível cada vez maior de compreensão dos acontecimentos. Na minha experiência como surdo busquei, com apoio da família, muitas alternativas de comunicação que pudessem suprir a ausência do som. Talvez valha contar um pouco de minhas experiências para que leitores ouvintes possam entender melhor o que falo desde meu lugar.

## **2.1 Alternativa ao som: a diferença surda**

Nas relações que eu estabeleço, sinto o mundo como um vasto campo de possibilidades de comunicação. Nessa vasta produção de imagens, tanto sonoras quanto visuais, eu sempre me senti muito dependente para acessar as várias vias de acesso às informações. Quando criança, eu dependia principalmente da minha mãe, que era como uma porta-voz de tudo aquilo que me escapava, de tudo aquilo

que o mundo ouvinte produzia e que eu não tinha condições de acessar diretamente.

Lembro de um acontecimento ocorrido na minha infância em que eu estava, a toda hora, perguntando a minha mãe o que estava se passando na televisão. Um dia ela resolveu “entrar no meu mundo” e desligou o som da televisão, eu até pensei que poderia estar ligado baixinho, mas coloquei a mão no aparelho e não havia vibração de som. Neste momento ela me disse que eu a ajudaria a entender, porque eu era melhor em leitura labial do que ela. Os papéis estavam invertidos, senti uma tranquilidade muito grande com aquela igualdade de condições. Naquele momento eu estava sendo convidado a compartilhar de uma experiência e não senti que estava em desvantagem ou perdendo algo.

Em relação à televisão, quando criança eu dava muito mais importância àquilo que eu precisava de tradução para compreender. Eu me admirava muito com a televisão. Havia algo de mágico, naquela caixa que todos ouvintes prestavam a atenção. Eu me sentia mais envolvido com alguns tipos de programas do que outros. Por exemplo, programas em que apareciam animais, esse tipo de imagem me marcou muito, pois era muito mais significativo para mim. Animais não falam, não há a necessidade de nenhuma tradução. Também os desenhos animados me chamavam muito a atenção, devido ao seu ritmo, devido à dinâmica das cenas, era muito mais fácil de ser acessado. Algumas coisas ficaram de alguma forma, marcadas em mim como os desenhos clássicos (Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve).

No entanto, havia aqueles programas onde eu sentia a necessidade de maiores detalhes acerca do que estava sendo falado. Noticiários, filmes sem legenda, novelas, sempre me limitavam o entendimento e me obrigavam a recorrer aos ouvintes para que fosse possível o entendimento.

Digo que o problema era fora do ambiente familiar onde me sentia diferente das outras crianças, mas não entendia exatamente como era diferente. Na infância a interação é feita mais através do lúdico, da brincadeira, da ação, e a interlocução verbal ainda não é o principal diferencial. Com o passar dos anos, começava a perceber e me perguntava: “Por que não podia falar ao telefone? Por que não escutava a televisão? Por que precisava me preocupar em falar e ler lábios, quando para os outros aquilo era tão fácil e parecia tão natural?”.

Lá pelos meus nove anos, eu comecei a me questionar acerca do porquê de ser surdo. Eu perguntava para meus pais o porquê de eu ter nascido surdo. Eles me respondiam: “Você nasceu assim, as pessoas são diferentes”. Por ora me pareceu uma resposta satisfatória, já que eu não tinha contato com surdos, e entre os ouvintes me pareceu que ser diferente era uma questão individual apenas, as pessoas tinham muitas diferenças. Mas mesmo assim eu indagava ao meu pai: “Mas eu preciso estar junto com os ouvintes?” E ele respondia: “Sim meu filho, pois futuramente você terá de trabalhar e a convivência com os ouvintes é muito importante”.

Até meus onze anos mais ou menos eu via tudo com relativa tranquilidade, pois minha mãe traduzia tudo para mim, eu não precisava me esforçar muito para acessar as informações do mundo. No entanto as coisas foram mudando aos poucos e logo eu percebi que algo me faltava e esta falta dizia respeito à minha autonomia. Autonomia para me comunicar, para escrever, para me desenvolver em diversos aspectos. Mas o que eu percebia era que o mundo não me proporcionava as condições para que eu tivesse autonomia. Eu comecei a sentir um certo limite do mundo em relação a mim. Sentia a ignorância dos ouvintes em relação à surdez e que inclusive as pessoas fugiam de mim. Se não sabiam me responder alguma coisa, elas fugiam, fingiam que nada estava acontecendo e que não havia nenhuma informação que eu estivesse perdendo.

Também, em outros momentos, percebi as outras pessoas assistindo televisão, manifestavam reações e havia alguma coisa que me escapava. Riam, choravam, comentavam, motivadas por algo na televisão que ia além das imagens. Hoje em dia vejo como esta falta de acessibilidade pode criar um sujeito surdo dependente e sujeitado a um padrão inventado de normalidade. Um sujeito que é constituído pelo olhar do outro que o torna diferente, às vezes menor, pois sempre é comparado com o ouvinte. Foucault no seu texto “O sujeito e o poder” diz que existem duas formas de nos tornarmos sujeito – sujeito ao outro pelo controle e dependência e sujeito a si. Somos o que os outros dizem e nos possibilitam ser (FOUCAULT, 1995). A condição de deficiência diagnosticada e vivida pelos surdos em sua grande maioria e, principalmente durante a infância, fase em que dependem de suas famílias ouvintes para tomarem decisões, é a que acaba marcando e definindo esses sujeitos. Segundo Silva (2000, p.76), a identidade e a diferença são criações sociais e culturais, e são o resultado de criações lingüísticas. Ou seja, o

sujeito surdo é inventado nos discursos que se enunciam em relação a ele, que historicamente são discursos normalizantes e medicalizadores, que colocam seu corpo em evidência. O corpo surdo, quando narrado por ouvintes que não conhecem as possibilidades de outras representações que não sejam aquelas produzidas dentro de um campo médico-terapêutico, é marcado pela falta de algo, pela anormalidade. Associado à idéia de falta de audição está a idéia de mutismo. Saliento que ao escrever mutismo quero marcar não a ausência de som da fala surda, mas a crença ouvinte de que o surdo não tem o que dizer.

Em um outro movimento na pesquisa, proponho ver o que surdos dizem sobre os programas que assistem. Como as mensagens transmitidas pela televisão são entendidas pelos surdos?

Em tempos onde a imagem ocupa o centro de nossas atenções, em tempo onde “ser normal” significa ter condições de interpretar o que se vê e vive, em tempos onde o som também é um elemento constituidor dos sujeitos sociais, em tempos onde a diferença está sendo festejada, em tempos onde a tecnologia invade nossas casas através, entre outras coisas, da televisão, questiono-me como os sujeitos surdos estão sendo interpelados pelos programas da mídia televisiva, o que chama a sua atenção.

Ser interpelado pela experiência significa vivê-la de muitas formas, pois ela faz diferença e deixa marcas profundas em quem a vive. Uma experiência como poder entender o que se está vendo, sem a dependência de outra pessoa, significa para nós surdos não só autonomia, mas a possibilidade de dignidade. Larrosa, (2004, p.116) ao tentar dizer sobre a experiência, afirma que existem experiências que passam e experiências que nos passam e nos tocam. Nas palavras do autor, “A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada aconteça, (LARROSA, 2004, p.116). Nessas palavras vi os surdos diante da televisão, sabemos que muitas coisas acontecem e que não temos acesso para que possamos vivê-las como experiências que fazem diferença para quem vive. Experiências que nos possibilitem pensar diferentemente do que pensávamos.

Os surdos são pouco tocados se olharmos para as muitas possibilidades de experiências que observamos serem vividas pelos ouvintes. A surdez como limite e limitadora da comunicação com o ouvinte/normal acaba funcionando como um dispositivo que produz leis, produz pedagogias, produz práticas normalizadoras,

produz exames, campanhas de prevenção e de doação de aparelhos auditivos, enfim, a surdez é produtiva para que possa se exercer sobre a população um controle e uma vigilância de seus corpos que devem se manter dentro de parâmetros inventados de saúde. Foucault (1998), ao falar sobre a biopolítica, nos fornece elementos para entendermos as inúmeras iniciativas governamentais para a erradicação da surdez e para a doação de aparelhos. Investimentos na surdez como uma materialidade sobre a qual se inscrevem identidades específicas Cultura Surda não parece circular com a mesma força que a surdez como deficiência a ser evitada. Os surdos têm um modo singular de relação com uma cultura oral e têm sua própria língua. A biopolítica exercida pela tradição oralista de educação de surdos, no sentido de tornar o corpo do surdo um objeto cognoscível, sugere uma falta aos sujeitos em questão. O sujeito normalizado é aquele cujas práticas culturais foram cooptadas por um saber normalizante. Os surdos, segundo a tradição oralista, que obrigava os surdos a aprenderem a falar, portam uma falta em relação aos ouvintes, a audição. Portanto, as práticas culturais dos surdos ocupariam um lugar de falta em relação às práticas dos ouvintes, sendo a Língua de Sinais o maior expoente da demarcação de uma alteridade deficiente. “Então com o intuito de controlar a população, esse controle não resume somente a sua consciência, mas em seus corpos. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.” (FOUCAULT, 2004, p.167).

Neste contexto de normalização os surdos lutam e se movimentam na contramão, no sentido de ter sua língua e sua cultura respeitados, lutam pela valorização e pelo direito de se expressarem em sua própria língua. Sendo a mídia televisiva um veículo de grande parte das informações que circulam em nossa sociedade, é importante destacar os usos e as compreensões dos conteúdos televisivos na comunidade surda.

Esse sentimento de pertencimento a um grupo cultural específico é adquirido pelo surdo na convivência com seus pares, com sua comunidade a qual constitui uma minoria linguística. E esse sentimento de pertencimento também é reforçado no jogo de relações com a maioria ouvinte e todo o seu aparato cultural, e inclusive, nas produções da mídia televisiva. No caso do sujeito surdo não ter a troca com seus pares, fica um sentimento de diferente em relação a maioria ouvinte e falante. No caso da maioria, parece impossível a existência de uma forma que não seja essa

construída como verdade para o Estado. Apenas uma língua, uma identidade e uma única forma de cultura.

Na dinâmica do “jogo” de identidade e mudança, que observo a partir de Hall (2000), vejo a questão da identidade dos surdos como um processo bastante singular. Devido às diferentes relações que os surdos mantêm com outras identidades e especificamente, com a língua oral se impondo como uma forma inacessível de comunicação, percebo uma série de contradições na consideração de uma “comunidade surda”. Estando os sujeitos surdos imersos em uma complexa rede de significados culturais dos ouvintes, como por exemplo uma música, é necessário afirmar que a construção da identidade surda se dará em diversas formas e relações com o próprio som. Existem diferentes graus de surdez, existem diferenças na educação de uma criança surda, sendo ela mais ou menos oralizada, existem diferenças econômicas e geográficas mesmo. Por exemplo, um surdo que mora no interior poderá ter menos acesso à língua de sinais do que um surdo de uma capital como Porto Alegre. Enfim, todas as variáveis nas biografias dos surdos e todos os encontros sociais tem algum resultado na modificação da identidade surda, e conseqüentemente, no que chamamos de “comunidade surda”.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. (HALL, 2000, p. 42)

Nestas relações contraditórias e desencontradas que a cultura surda estabelece com uma cultura geral, ouvinte e falante, é que as subjetividades se constroem de várias maneiras. A identidade cultural dos surdos vai sempre mudando em relação aos padrões ouvintes de comunicação, relações, significados, pois está em constante atrito com os artefatos culturais do “mundo” ouvinte. Mas ao mesmo tempo os surdos consolidam um forte vínculo através do qual podem se expressar e se encontram em “casa”. Como surdo, encontrei na comunidade, isto é, no encontro com surdos, a possibilidade de uma construção e entendimento mais significativo, onde se estabelece uma estrutura de linguagem e a partir do qual os significados são compartilhados de forma heterogênea. Porém, esta heterogeneidade é sempre



permeada por um sentido, e com isso quero dizer que as diferenças são melhores compreendidas quando estou na companhia de pessoas que sinalizam.

## **2.2 Os limites surdos diante de programas não pensados para os surdos**

A mídia e principalmente a mídia televisiva, por seu potencial e abrangência populacional, não só faz veicular identidades específicas como as produz, juntamente com outros atravessamentos, como sendo aceitas, problemáticas, indicadas, etc. Acredito que tal produção não é algo feito “fora” do mundo vivido — como muitas pessoas que vêem a mídia como a grande responsável pela alienação do povo acreditam —, mas é algo que constitui o que vivemos dentro do mundo que temos. Não entendo a mídia dentro de uma trama maquiavélica onde uns— os poderosos— dominam outros — os oprimidos. Distante disso, vejo a mídia televisiva como sendo parte de uma maquinaria constituída na cultura. Por ser constituída na cultura ela faz circular tipos humanos, identidades variadas e divulga determinadas posições de sujeitos como sendo modelos a serem seguidos por determinados grupos que já estão aí. Não há nada em um outro mundo, mas há diferenças produzidas no interior do mundo em que vivemos, diferenças essas que nem sempre integra o meu grupo identitário, mas que adentram grupos específicos imprimindo outros padrões, outras verdades, outros comportamentos, outras formas de convivência e de olhar para o outro. Dentro desse circuito que não se finda, identidades outras se produzem fazendo surgir novos grupos, bem como posições sociais são legitimadas e passam, mesmo que provisoriamente, a definir padrões para aqueles que não as ocupam. Nesse jogo de produção de sujeitos, de identidades e de posições sociais disputas são travadas pelo direito à representação. Direito que hoje é reconhecido devido a muitas lutas travadas na história por distintos grupos sociais que buscavam ocupar outras posições e buscavam, antes de qualquer coisa, o reconhecimento do outro.

Os silêncios encontrados nos muitos programas veiculados na televisão podem ser tomados como referentes para pensarmos a diferença e as identidades que são legitimadas dentro de certo padrão de referência. Silêncio aqui não pode ser entendido ou confundido com o termo ausência, pois as pessoas negras, as pessoas com deficiência, os pobres, os estrangeiros, os *gays*, entre outros, têm ocupado

espaço em nossas telenovelas, porém espaços que nem sempre são vistos pelos telespectadores como sendo os desejados por eles.

De um outro espaço, de uma outra cena – o entre-a-percepção-e-a-consciência – nas discussões sobre conhecimento, aprendizagem e compreensão, nós estamos excedendo o currículo oculto. (ELLSWORTH, 2001, p. 71)

É interessante perceber como programas televisivos constituem o social de forma intensa, assim como é interessante perceber como pedagogias são colocadas em ação ensinando aqueles que assistem televisão sobre a “forma correta” de alimentar-se, a “forma adequada” de criar filhos, o que fazer para ter uma vida saudável, como ser uma mulher moderna e um homem de negócios, como os professores devem trabalhar com alunos difíceis e como podemos/devemos olhar para as diversidades respeitando-as e incluindo-as.

Em cada novela que é feita novos temas são abordados com uma finalidade, claramente, pedagógica. Vimos o tema da prostituição, das drogas, da homossexualidade, da deficiência, etc. sendo produzidos. Durante o tempo em que estão passando novelas, principalmente as da Rede Globo de TV, vemos proliferar ONGs, práticas de voluntariado e programas de conscientização veiculados em distintos espaços midiáticos, todos abordando o tema central da novela. Longe, portanto, da idéia de ausência, grupos específicos estão presentes e sendo enfocados. No enfoque se aloja tanto a visibilidade como o silêncio. Ao abordar a deficiência e a inclusão das pessoas com deficiência, geralmente os programas descrevem o lugar da incapacidade ou fortalecem a representação da compensação, ou seja, não enxerga, mas mesmo assim é capaz de dançar como qualquer outra pessoa, possui uma deficiência mental, mas é capaz de pintar coisas lindas. Ao colocar os sujeitos com deficiência em determinadas posições na trama social, outras possibilidades são silenciadas. Por que as pessoas com deficiência precisam aparecer como aquelas que, tendo uma chance, conseguem superar obstáculos ou por causa da deficiência são amáveis e inofensivos? Sei que talvez para muitas pessoas seja importante mostrar as capacidades daquele que, pela aparência, muitas vezes não acreditamos ter. Sei também que pensar a inclusão sobre bases de benevolência, tolerância e voluntariado pode gerar a auto-exclusão

pelo convencimento daquele apontado como sendo o que necessita ser incluído de sua incapacidade (LOPES, 2006).

Geralmente os programas que tematizam a surdez o fazem a partir do referente *perda auditiva*. Tendo esse como orientador o que passa a ser produzido gira em torno da capacidade de oralização, da necessidade de proteção e em torno da escolarização surda junto com ouvintes. Nessa lógica os surdos são vistos como deficientes que necessitam ser normalizado, portanto não há por que fazer adaptações nos programas televisivos, pois trata-se de pessoas incapazes de acompanharem o que é veiculado. Thoma (2002), ao analisar programas de televisão e filmes onde apareciam sujeitos surdos ou que tematizavam a surdez, mostra a quão arraigada parece ser a concepção de surdez como deficiência a ser superada por práticas e pedagogias corretivas. Thoma (2002), também mostra que, além dos investimentos na ciborguização dos surdos (uso de tecnologias em implantes cocleares, etc), há conhecimentos que geram representações diferenciadas, porém tais representações não chegam a tomar grande expressividade ainda nos dias de hoje. Poucos são os programas que contam com a presença de intérpretes ou legenda para que os surdos possam acompanhar o que está acontecendo e sendo noticiado na TV.

A não adaptação de grande parte dos programas para as pessoas surdas me faz levantar duas hipóteses: a primeira está ancorada em questões de fundo econômico e a segunda está ancorada nas representações de deficiência e de incapacidade surda de acompanhar o que está sendo produzido. A comunidade surda que proclama a diferença surda como uma questão cultural, que coloca a Língua de Sinais como uma das materialidades de tal diferença está silenciada na mídia. Os surdos não são pensados, na maioria dos casos, como telespectadores, porém mesmo sem serem pensados são constituídos também pelos programas televisivos. Movimento-me como surdo no espaço do silêncio da mídia. Um silêncio que diz muito para pessoas como eu que pensa a imagem que vê como um estruturante indispensável para a sua existência dentro de um grupo que se constitui a partir do visual. Aí está a grande razão que sustenta minha pesquisa de mestrado e minha incursão, para buscar inspiração, aos Estudos de Recepção.

As informações, os conhecimentos, os pensamentos e a língua surda são constituídos por imagens. Imagens de mãos que se movimentam, imagens de pessoas e de corpos, imagens que trazem em si um universo de possibilidades de

leitura. Dentro desse universo podemos ler uma infinidade de coisas em uma imagem, porém dentro dessa infinidade não podemos ler tudo. No entanto, a comunidade surda quando é privada de acompanhar o que é narrado verbalmente na televisão desconhece que possibilidades de leitura não podem ser atribuídas a determinados movimentos imagéticos.

Pode dizer-se que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informações, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modo de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2001, p.15).

Dada a dimensão e abrangência populacional da TV e a importância dessa nos tempos em que vivemos, pensar no “alcance” surdo do que está sendo veiculado por essa torna-se algo importante e produtivo, principalmente quando o tema da inclusão das diversidades está sendo tão amplamente divulgado e reivindicado. Pensando assim, uma das questões de que me ocupei nessa pesquisa é *ver quais as narrativas, e quais os sentimentos estão sendo produzidos nos surdos quando assistem televisão.*

O sujeito surdo, assim como qualquer outro sujeito que integra um grupo específico ou uma comunidade que é composta por sujeitos que possuem elos que os mantém ligados a uma determinada identidade, busca reconhecer nos espaços onde está, no que vive e no que assiste, referentes identitários que o faça resignificar constantemente sua presença e sua diferença. Diferença essa que é tomada aqui a partir de dois sentidos, não excludentes, diferença medida a partir do outro ouvinte— outro que historicamente foi colocado como sendo a única possibilidade de normalidade aceita— e diferença medida a partir do outro surdo— outro que representa não só o movimento surdo em busca do reconhecimento da diferença e cultura surda, como também representa uma virada radical no princípio de normalidade que orienta o olhar na sociedade moderna cientificista.

Vale salientar que quando escrevo que uma das diferenças constitutivas da comunidade surda é a presença da visão e das imagens, quero dizer que no olhar surdo está uma das possibilidades materiais de sua diferença. Lopes (2006, p.6), ao trabalhar alguns marcadores identitários surdos, escreve:

Vivemos em uma cultura ocularcentrista, mas não é disso que falo quando trago o olhar como um marcador surdo. O olhar para o surdo muito mais do que um sentido é uma possibilidade de SER outra coisa e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda. (LOPES, 2006)

A subjetividade é construída na linguagem. O que falamos e escrevemos produz os sujeitos surdos tanto quanto o que não deixamos que eles tenham acesso. A televisão ao passar imagens sem legenda ou tradução para os surdos está constituindo o lugar da incapacidade de comunicação. Os surdos diante da dificuldade de atribuir sentidos para o que estão vendo na TV, ficam subjugados aos ouvintes que detém a informação e antes disso que detém a capacidade de ouvir. A alteridade deficiente aqui é produzida quando a dependência do ouvinte é estabelecida, principalmente quando tal dependência se dá em espaços privados, particulares além de espaços públicos.

A televisão é um dos meios mais utilizados para que momentos de distração e de informação se estabeleçam tanto em nossas casas— ambiente privado/particular— como em espaços onde outras pessoas, às vezes, estranhas estão. Diante dessas condições, principalmente quando programas sem legendas e sem interpretes são assistidos, somos chamados a nos colocar como deficientes e nos sentimos como tais. É incomodo a dependência do outro para que possamos acompanhar o que está sendo transmitido, principalmente quando percebemos o quanto nossas perguntas podem atrapalhar quem assiste aos programas. São nessas práticas cotidianas que somos constituídos e passamos a nos perceber diante do outro que não somos.

Como surdo já vivi diferentes experiências diante da televisão. Tive a possibilidade de assistir a programas legendados, com intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e sem nenhum tipo de tradução. Com tais adaptações tenho a possibilidade de pensar a respeito da notícia, da novela, e fazer escolha sobre assistir programas políticos ou comerciais. Nessas condições a escolha é minha, mas na grande maioria das vezes isso é vedado. Consigo ler muito nas imagens da

TV, porém percebo que a leitura que produzo delas não dá conta de compreender a informação que é falada nos programas. Embora eu como sujeito surdo tenha minha língua reconhecida e assegurada por lei, embora como surdo tenha o direito de ser respeitado e tenha o direito ao acesso e a permanência em qualquer espaço—incluo aí os espaços produzidos pela mídia, em especial a televisiva—, sinto-me à margem.

A pessoa surda, quando não tem condições de se comunicar ou de ter autonomia diante do que vê, é sempre dependente de alguém que esteja ao seu lado. Destaco que esta pessoa geralmente, é um membro da família, nem sempre fluente em Língua de Sinais e, na maioria das vezes, sem nenhuma formação como intérprete. No momento que está tentando comunicar o que se passou outras cenas, outros diálogos acontece e ficam perdidos. Neste sentido os surdos são sempre os últimos a receberem as informações. Partindo de uma condição de limite imposto ao surdo pela ótica que imprimiu no ouvinte o lugar da normalidade, partindo de um lugar de quase permanência da dependência do ouvinte, partindo do lugar de quem assiste TV e é seduzido pelos muitos recursos visuais que os programas televisivos possuem e, enfim, partindo de um lugar onde me posiciono dentro de uma trama que define o visual como um marcador cultural, olho para os programas televisivos tentando saber o que eles transmitem aos surdos.

Devido ao meu interesse pela mídia e o meu desejo em ter acesso a tudo o que ela veicula, é que percebi que ela pode dar um panorama do que está acontecendo no mundo. Como diz Bertrand (1999 p.36): “Na sociedade atual, só a mídia é capaz de nos fornecer um relatório rápido e completo dos acontecimentos que se produzem a nossa volta. Seu papel é obter a informação, tirá-la, interpretá-la – em seguida fazê-la circular.”

Então uma outra questão que me fiz para poder prosseguir com minhas investigações foi: *Como é vista e narrada pelos surdos esta mídia construtora do imaginário dos surdos, já que para essas pessoas ela é vista sem o SOM?*

A parte sonora que traz o diálogo, os comentários, e as explicações fica de difícil ou impossível acesso para as pessoas surdas ocasionando uma leitura “incompleta”, “fragmentada” e ou “inexistente” das informações. Ao escrever uma leitura incompleta na quero dizer que existem formas completas de leitura. Sei que isso não existe, mas sei também que não ter acesso ao que circula para alguns é ter as coisas pela metade. É nesse sentido que falo de leitura incompleta, ou seja, uma

leitura pela metade. Conseqüentemente, a percepção surda do que é divulgado na TV é sempre colocada sob suspeita pelos ouvintes e por nós mesmos surdos, pois não temos informações suficientes e sabemos disso, para argumentarmos e sustentarmos um posicionamento diante do que é apresentado pela mídia sem som e sem tradução.

Portanto, se somos constituídos espacial e temporalmente pelo outro, se as condições de vida que temos também determinam nossas posições nas tramas sociais, posso dizer que, olhando para a história surda, ainda temos muito o que fazer para que os surdos possam ser pensados e produzidos dentro de outros referenciais que não sejam aqueles inventados por “práticas ouvintistas” (SKLIAR, 2001). Por mais que já tenhamos produzido outros referenciais que permitem pensar a surdez e os surdos dentro de narrativas antropológicas, essas continuam ficando empalidecidas diante do olhar ouvinte que acaba inventando e posicionando os surdos como sujeitos incapazes, às vezes, estranhos, outras vezes, estrangeiros e, algumas vezes, como sujeitos culturais.

Sem querer entrar em uma narrativa de futuro, pois prefiro virar as costas para tal possibilidade, busco olhar para o presente tentando entender as condições de vida e de comunicação que possuímos como sujeitos surdos a partir das experiências do passado.

### **2.3 Flashes da história surda: como nos tornamos o que somos**

Uma comunidade está sempre localizada. A comunidade surda também é alvo de discursos referenciados espaço-temporalmente. Mas os surdos também produzem em seus imaginários, os lugares deles próprios e dos ouvintes. E são variados os imaginários, são múltiplas as construções subjetivas que estabelecem critérios do que significa ser surdo.

A história nos mostra que durante toda Antiguidade e quase toda Idade Média, as crianças nascidas surdas eram tidas como impossíveis de serem educadas considerando o conceito de educação para a época. Hoje, a partir dos conhecimentos produzidos por distintos especialistas de diferentes campos disciplinares, as crianças surdas, o mais cedo possível, são expostas a uma maquinaria que opera sobre elas diferentes engrenagens que trabalham pela

normalização e correção da surdez. Alicerçados em padrões estabelecidos por distintas teorizações que definem o que é ser normal ou o que é um desenvolvimento cognitivo, sensorial e social esperado, especialistas buscavam enquadrar a todos determinando suas condições presentes e o potencial daqueles que não estão dentro de uma dada zona de normalidade em tornarem-se “normais”. Ser normal é não ser anormal, é não apresentar nenhum tipo de desvio. A surdez não se constitui em um desvio, porém é vista pela saúde como uma deficiência que não tem cura, porém que pode ser remediada por intensas terapias ortofonéticas. Trazer os surdos para uma condição de normalidade exigia além de submetê-lo a práticas clínicas corretivas, também de submetê-lo ao olhar de pessoas autorizadas da comunidade que iam conferir o que tal criatura era capaz de aprender e dominar. A condição de normalidade nos séculos XIX e XX era medida pela capacidade surda de memorização de palavras em sua modalidade escrita e oral. Platéias eram montadas para que pudessem presenciar o processo de humanização daqueles considerados, pela condição de surdez que nasceram, como selvagens e, muitos, quase ineducáveis. Pedagogias disciplinares e corretivas eram combinadas e processos de normalização eram desencadeados. Em nome de tais processos crueldades foram cometidas ao longo da história.

No século XIX a disciplina foi um dos grandes motes da educação. Em nome dela e da vida em grupo todos os sujeitos deviam ser educados. Para que processos disciplinares pudessem acontecer e de forma eficiente com os surdos operações minuciosas eram criadas para que os surdos não só permanecessem distantes de outros surdos, como permanecessem constantemente sendo desafiados a superar seus próprios limites. Nas palavras de Foucault (1997, p.119), a disciplina “dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita”.

O alto investimento na normalização surda através da oralização exigiu investimentos na arquitetura dos espaços destinados a trabalharem com esses sujeitos (LOPES, 2004). Tudo o que cercava o surdo era intencionalmente calculado com a finalidade de fazê-lo dominar uma língua que embora mergulhado fisicamente nela, era completamente estranha e esse.

Simultaneamente à história clínica da surdez, a história dos surdos também



foi sendo constituída. Enquanto a surdez foi sendo narrada por especialistas da saúde, a história dos surdos foi sendo produzida como uma espécie de contra-movimento. Entendo contra-movimento no sentido de resistência surda às imposições clínicas ouvintes. Os surdos quando próximos uns dos outros estabeleciam elos identitário que os possibilitava outros movimentos e, principalmente, outras visões sobre si. Lutando contra as imposições ouvintes, os surdos encontravam-se escondidos nos fundos das igrejas ou em espaços não imaginados pelos seus tutores. Com tais práticas de resistência criaram e fortaleceram elos que os faziam diferentes e ameaçadoramente incontroláveis pelos ouvintes - principalmente pelos religiosos que durante muito tempo tinham o controle da educação desses sujeitos. Com tal aproximação, não mais a narrativa ouvinte normalizadora preponderava sobre os surdos, mas narrativas surdas começavam a se colocar e a dar outros contornos para a história.

A história surda, assim como qualquer história, não pode ser vista como o resultado de processos lineares de avanços e conquistas. Certamente conquistas surdas aconteceram durante a história, porém elas são permeadas por outras histórias e por outras temporalidades.

No ano de 1198 o Papa Inocêncio III, autoriza o casamento entre surdos argumentando que “o que não sabe falar pode em sinais se manifestar” (SANCHEZ, 1990, p. 34). Com o Renascimento, inaugura-se uma época em que o homem é o protagonista de sua história e ocupa um lugar central, a educação não é repetição, mas reflexão de quem aprende. É imprescindível dar todo valor a confiança filosófica que tem o potencial humano, confiança que impulsiona o desenvolvimento. Não se nega ao surdo sua humanidade, pelo contrario, se atribui um potencial humano pelo fato de não ouvir. Os poucos surdos ensinados nesta época pertenciam a famílias poderosas. Não se sabe ao certo como era a Língua de Sinais desta época, mas impressionava por sua precisão e rapidez.

Esse desenvolvimento se dá graças à aprendizagem espontânea e pela utilização significativa da Língua de Sinais utilizada livremente. Assim formavam uma comunidade lingüística. Compreendiam e expressavam suas idéias através da escrita, não há dúvida de sua humanidade e inteligência. Neste contexto havia surgido a concepção altruísta de caridade Cristã que foi substituída pela idéia de sociedade mercantilista, onde o importante era ter um trabalho e ser útil para a sociedade. Visando dar conta destas pessoas que estavam à margem da sociedade,

vagabundos, retardados, miseráveis, loucos e também os surdos, criam-se as primeiras instituições “Beneficentes” para adaptá-los à sociedade. Durante o século XVIII, a situação do surdo era variada, muitos surdos viviam livremente e formavam comunidades, como a de Paris que em determinada ocasião tiveram o valor da Língua de Sinais descoberto pelo Abade Charles Michel de L’Épée (1712–1789). Cabe lembrar que a diferença era intolerável e que a origem da surdez era tida como um castigo divino pelos pecados dos progenitores, fato que influenciava os sentimentos e comportamentos. Neste caso, a preocupação era a transmissão de conhecimentos e valores culturais.

Em 1880, no Congresso de Milão, alguns educadores de surdos se reuniram para discutir e ficou legitimado que os surdos deveriam falar assim como os que ouvem. A Língua de Sinais foi proibida e os surdos deixaram de ser surdos para serem normalizados, a partir daí tínhamos uma nova definição para os surdos, “deficiente auditivo”, ou seja, quase igual à maioria ouvinte. Se houvesse a permissão de os surdos serem chamados de surdos também, ter-se-ia a legitimação da Língua de Sinais. O ensino da fala ocupa o lugar da educação, é o meio e o fim para a reabilitação. Inicia-se a pedagogia corretiva, com todo peso valorativo e normativo que isto implica. Penso como estaria hoje em dia os movimentos dos surdos se isso não tivesse ocorrido?

Como já coloquei no início desse subtítulo, no século XIX houve uma grande participação de um olhar médico na educação e principalmente dentro das escolas, não mais apenas responsável pela educação, mas também pela reabilitação, o singular encontro da pedagogia com a medicalização. A pessoa que tinha maior sucesso na escola era aquela que conseguia articular melhor o fonema e que conseguia responder a todas as exigências criadas para atender a um perfil de normalidade estipulado.

A vida escolar punitiva impõe uma constante observação ao surdo e o molda de acordo com o que a instituição pensa ser o melhor, negando a liberdade de expressão da Língua de Sinais. A separação do surdo de sua própria língua produziu diferentes entendimentos em relação ao lugar do surdo nas relações com aqueles que chamamos de “ouvintes”. Sabemos que somos surdos também porque existem outros que são ouvintes. Silva (2005) afirma que identidade e diferença são intimamente relacionadas. Uma existe na relação com a outra. Nessa concepção ,quanto afirmo a condição de “ser surdo” estou também dizendo que “não sou

ouvinte” e que me distingo do ouvinte por um conjunto de comportamentos, sentimentos que me fazem simplesmente diferente. É claro que há também aqui uma generalização do que significa ser “ouvinte”, mas o que quero mostrar são as implicações subjetivas desses imaginários que colocam o surdo como que na situação de um estrangeiro.

Em minha experiência enquanto surdo que foi oralizado posso relatar um pouco desse sentimento de me sentir “estrangeiro”. Hoje, olhando para minha história que deve ser muito semelhante à de outros surdos, vejo que, enquanto era oralizado, vivia em uma posição não de excluído, mas ocupando uma posição de indivíduo a corrigir. O sentimento era de superação de algo que nem mesmo eu sabia direito do que se tratava. Era colonizado por pessoas autorizadas a dizer como eu deveria ser. A premissa orientadora de minha educação na infância era: “Nós somos ouvintes, te recebemos com hospitalidade, desde que você mude seus hábitos!”.

Durante um longo período da história da educação de surdos, a grande preocupação era com a oralização dos surdos e a leitura labial. A leitura labial, para os surdos, é aprendida através de terapias da fala. Muitas pessoas pensam que é uma tarefa fácil, mas é necessário colocar aqui que ela é aprendida com um fonoaudiólogo ou profissional da área da fala. As maiorias de nós surdos têm grandes dificuldades para perceber e produzir uma língua oral. Espera-se e investe-se um longo tempo, vários anos, para alcançar um nível satisfatório que não pode ser alcançado, negando-se assim o acesso a uma língua que satisfaça as nossas necessidades (a Língua de Sinais), praticamente aceitando o risco de um atraso de desenvolvimento lingüístico, cognitivo, social e pessoal.

Quadros, em seus escritos, nos colocam a respeito da leitura labial dos surdos:

Eles olham as bocas se movimentando e sabem que através destes movimentos, as pessoas expressam pensamentos e idéias, mas, mesmo havendo tal percepção, não compreendem esta língua. Em alguns casos, passa por processos terapêuticos intensos e chegam a adquirir a língua portuguesa, mas de forma sistemática e limitada. (2005, p.29)

Este é um trabalho que exige muita dedicação, pois há todo um processo de leitura, recepção e a emissão do que foi falado. Através do conhecimento da sua

própria fala é que o surdo também conseguirá ler melhor o lábio de quem lhe fala na televisão ou no seu cotidiano. Muitas vezes o processo de leitura labial de quem está falando na televisão é interrompido pelo não reconhecimento articulatorio de algum vocábulo e então há uma consulta a quem está mais próximo para que este fale e que seja mais bem lido.

Quando tive oportunidade de conviver com outros surdos e quando eu aprendi a Língua de Sinais, percebi que ali, entre os surdos, eu não precisava mudar. Eu poderia ser desse jeito particular, pois não estava mais sozinho entre ouvintes. Sentia-me como morador em um país de surdos. Wrigley (1996), ao falar das políticas da surdez, diz: que essa não é um país, pois se dá na dispersão dos acontecimentos. Imagino que na falta de um território certo para que a cultura surda se estabeleça e se materialize, passando a existir como uma referência localizada está uma das dificuldades de apontá-la e de reconhecê-la com tal. Com a minha identificação com outros surdos, pude narrar-me como surdo. Consegui enxergar meu rosto e consegui me posicionar, mesmo diante de situações de constrangimentos vividas em meu dia-a-dia com os ouvintes, como um sujeito surdo. Experiências constrangedoras são vividas pelos surdos com muita frequência a ponto de elas constituírem nosso olhar sobre nós mesmos e, portanto, constituírem a nossa história.

Certa vez fui ao *shopping* comprar uma roupa. Eu fiquei um tempo distraído olhando a prateleira e quando fui chamar a atendente a mesma se dirigiu a mim com muito má vontade, e falando alguma coisa para as colegas. Deduzi que ela tinha chegado por trás de mim e me perguntado alguma coisa, e como não esbocei nenhuma reação, ele deve ter achado que eu a ignorei. Até ali eu lhe parecia um mal-educado. Quando fui falar que eu queria uma bermuda de determinada cor, ela percebeu que meu jeito de falar era diferente. Grande foi minha surpresa quando percebo que a atendente começa a se dirigir a mim em inglês. Aí eu me tornei um estrangeiro, um turista, um europeu ou americano. O mau-humor da jovem desapareceu e ela começou a falar muitas coisas que eu não percebi na leitura labial. Por último, eu falei que não era estrangeiro e que era na verdade surdo. As atendentes então ficaram muito espantadas, e começaram a fazer perguntas do tipo. “Mas você não ouve nada? Você trabalha?”.

A aproximação surda do ouvinte, sendo que o segundo sempre é colocado dentro de um padrão de referência para o surdo, produz distintos sentimentos de

pertencimento cultural. Sou surdo, me vejo e me narro dentro de um grupo específico; porém, em algumas situações, me vejo e me narro dentro de outros campos onde me associo e sou associado às pessoas ouvintes. Ser surdo é uma possibilidade criada a partir de sentidos construídos e compartilhada dentro de um grupo específico, porém, para me sentir surdo, uma vez tendo essa identidade definida, não preciso estar sempre entre surdos. Posso estar entre ouvintes e continuo me narrando surdo. Inclusive, muitas vezes, a minha identidade surda se manifesta com muito mais intensidade em momentos que sou interpelado por ouvintes a me posicionar como surdo. Sou surdo por conviver entre surdos e sou surdo porque sou colocado ao lado de alguém ouvinte.

Em situações cotidianas como a que narrei anteriormente podemos ver, a partir das questões que me foram feitas pelas atendentes da loja, as representações que circulam sobre os surdos. Nesta situação cotidiana dos surdos, mostra-se a tal invenção de idéias e representações do outro. De mal-educado passa-se a estrangeiro e ainda a uma pessoa que tem uma falta, porta uma deficiência, e, portanto, perguntam-se muitas coisas a esse sujeito, já que é preciso que ele se torne um conhecido. Algo de muito estranho há nesse outro que incomoda, nesse caso, a atendente que se empenha em querer se comunicar com esse outro. Trata-se de algo que nunca lhe foi apresentado antes, um surdo, com aparência de europeu, que faz compras em *shopping center*.

Considerando as muitas possibilidades de representação criadas a partir do olhar do outro que significa o que vê, a partir de um lugar determinado, volto para o tema foco de minha pesquisa: os programas televisivos. A televisão faz circular inúmeras representações sobre os sujeitos. Ninguém que vive em relação está livre da representação tecida pelo outro. Assim como eu posso ser visto como um estrangeiro por causa da cor de minha pele e cabelo e por causa de meu Português não tão fluente, outros são narrados dentro de outros referentes. Somos constituídos por inúmeras identidades, isso não significa que somos compostos por um mosaico desarticulado de representações, mas significa que somos tudo que falam de nós, desde que aquele que enuncia acredite no que está vendo. Afirmar isso não me autoriza a dizer que posso ser qualquer coisa, mas me autoriza a dizer que posso ser qualquer coisa que a materialidade inscrita em meu corpo me possibilite a ser. Embora não seja um europeu, tenho traços que podem ser significados desde aquele lugar.

Considerando as representações lidas e os públicos distintos que se quer atingir os programas televisivos são estruturados para estes, neste caso os surdos não são levados em consideração enquanto público que necessita de outros meios, para que as informações sejam completas (legenda e intérprete). Temas que irão ser desenvolvidos em determinados programas e horários são feitos mediante estudos que apontam as características do público para quem ele irá se destinar. Nada de amadorismo é visto nas produções que circulam na televisão, pois empreendimentos elevados são colocados e necessitam que os programas tenham audiência.

Com as políticas de inclusão e com os muitos movimentos de exaltação das diferenças étnicas (aqui incluo a diferença surda), sociais, religiosas, de gênero e sexualidade, começamos a perceber que os programas de televisão são pensados para que um número maior de pessoas e de segmentos sociais seja atingido. Não quero entrar aqui nas políticas de cotas, mas quero mostrar como o que está sendo veiculado na mídia está sendo obrigado a contemplar as diferenças. Na descoberta das diferenças como algo produtivo que atrai outros telespectadores, investir nesse campo passou a ser algo mais interessante. Nessa linha é que a diferença surda, em alguns poucos programas, começa a ser contemplada. Hoje, embora raramente, podemos ver algumas iniciativas de alguns programas, geralmente religiosos que trazem a presença de um intérprete de Língua de Sinais para traduzir cultos televisionados, podemos ver legendas em noticiários e propagandas políticas, enfim podemos contar com traduções em espaços que já estão vislumbrando nos surdos um aumento de audiência.

Enfim, diante da competição estabelecida entre as emissoras, está se buscando novos públicos. Com essa nova exigência, os surdos saem da condição de telespectador com deficiência que ocupavam e ocupam ainda em alguns programas, para ocupar a condição de novo cliente que precisa ser atendido e satisfeito. Talvez dentro dessa lógica neoliberal possamos encontrar um espaço de fazer circular entre os surdos as informações que lhes foram negadas ao longo da sua história e da história da mídia televisiva. Esses movimentos de abertura da mídia ainda possuem custos elevados e causam uma estranheza para as pessoas que não estavam acostumadas a disputar espaços privados com aqueles que, através da telinha, entram em suas casas.

A maioria dos programas e comerciais televisivos, por exemplo, mostram famílias extremamente padronizadas, utilizando uma representação muito centrada em padrões europeus, brancos, com estabilidade financeira. A cultura surda foi poucas vezes mostrada e, quando é mostrado um surdo, como veremos mais adiante no trabalho, são aparições rápidas, onde a falta “portada” pelo surdo é sempre o mais exaltado. Ao lado do “espanto” das pessoas em relação à Língua de Sinais, a hipótese de que o surdo é um ser debilitado que necessita de assistência, potencializa a construção de um lugar que a princípio está vazio. Como se o surdo tivesse de ser preenchido, com uma lógica inteligível aos ouvintes.

Nesse jogo de identidades atribuídas a um surdo numa situação cotidiana como a relatada fica evidente o quão concreto é o resultado desses imaginários onde nos surdos sentimos estrangeiro e excluído. E o importante aqui é ressaltar como a mídia televisiva está colaborando para múltiplas representações do que significa ser “deficiente”, e como os surdos se enxergam enquanto participantes dessas forças que remetem o surdo a um lugar específico, que geralmente é o da falta.

Durante processo de produção de dados para a pesquisa, realizei observações na comunidade surda e constatei que a maioria surda participante da comunidade assiste televisão. Uma das grandes justificativas dadas pelos sujeitos observados é que a televisão possui imagens que os possibilitam, mesmo sem legendas ou intérpretes de Língua de Sinais, acompanhar e fazer inferências sobre o que está sendo transmitido.

Dentre os programas mais assistidos e que as pessoas surdas mais gostavam estavam as novelas, assim como outros públicos também possuem o “Amor à narrativa”. Escolhiam essas porque era fácil estabelecer relações entre o que era mostrado nas imagens. Boas partes dos sujeitos a que tive acesso olham novelas em seu dia-a-dia. Uma outra coisa curiosa e que penso não ser especificamente um acontecimento surdo, é que esses sujeitos preferem assistir programas televisivos por esses serem mais acessíveis e não exigirem a leitura do Português escrito, como no caso de jornais, revistas, livros, etc. Imaginei que, como a leitura não é algo tranquilo para o surdo, e nem mesmo o é para o ouvinte que também não lê, o cinema seria uma boa alternativa, pois também trabalha com imagens. Porém, o cinema embora seja uma boa alternativa, acaba sendo muito caro para os surdos irem com frequência.

Toda informação é preferida pela imagem, pois traz a segurança do visual, mesmo que os surdos saibam do risco em não conseguir ler as mensagens televisivas simplesmente pelas imagens que essa transmite. Mesmo correndo riscos de fazer leituras equivocadas a TV é preferida. Na predileção surda pela televisão estão afetos, sentidos dados ao que é visto e estão possibilidades de experiências de viver uma condição diferente de ser surdo participante do que está sendo apresentado ao mesmo tempo em que os ouvintes. Por essa, entre outras razões já apresentadas nesse capítulo, investigar o que os sujeitos surdos percebem e constroem de significados quando assistem programas televisivos se torna importante. Para mostrar como realizei minha investigação com sujeitos surdos, abro um outro subtítulo.

#### **2.4 Os limites da investigação: a produção dos dados**

Esta pesquisa teve como campo de investigação a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), a Escola Concórdia, algumas entrevistas também foram feitas na casa das pessoas surdas e durante um passeio ao Festival de cinema de Gramado. Durante este passeio não coloco nenhuma fala em especial, mas me direciono a ele como sendo um momento de reflexão e de sugestões das nossas idéias a respeito da televisão e do cinema. As idades dessas pessoas variam entre 15 e 70 anos. Alguns são formados pela universidade, outros estão fazendo o Ensino Médio e alguns apesar da idade não foram alfabetizados. As profissões variam de professores, do lar, estudantes, estudantes técnicos e instrutores de LIBRAS. Com esta heterogeneidade de sujeitos, escolaridade, idade e profissão procuram na pesquisa mostrar o que a comunidade surda está assistindo e tendo de recepção dos programas televisivos. Vale dizer que ao definir esses espaços não estou dizendo que somente dentro deles poderia estar realizando minha investigação. Quero ao definir tais espaços marcar a inserção de meus sujeitos de pesquisa no campo de produção surda. Quero deixar marcado que ao selecionar os sujeitos que participaram do estudo que todos dominavam a Língua de Sinais, sabiam ler em Português e se auto-declaram pertencentes a uma comunidade e identidade surda. Outro traço que marca minha escolha é a fase de vida dos sujeitos. A maioria é jovem, pois acredito que, assim como eu, esses também devem



ser atravessados pela mídia televisiva que endereça grande parte de sua programação para esse público. Outra razão para a escolha desses sujeitos se dá na disponibilidade de ficar em frente à televisão consumindo o tempo com o que é apresentado por ela. Lembro que muitos foram os programas veiculados em telejornais que abordavam o implante coclear como uma alternativa para a normalização surda, lembro-me também de filmes que mostravam histórias surdas de sofrimentos e de discriminações. Todas essas histórias produziam em mim sentimentos estranhos ao mesmo tempo em que me mobilizavam pelas inúmeras situações com que me identificava com elas. Assim convido-o a ser apresentado a cada um dos sujeitos da pesquisa que tiveram suas falas neste trabalho.

Os sujeitos da pesquisa que tem seus nomes substituídos pelas letras R, RN, M, RO, R, são estudantes do Ensino Médio da Escola Especial Concórdia, tem idades que variam entre 18 e 22 anos, a maioria faz leitura labial e alguns oralizam. A coleta de dados com este grupo se deu em um encontro no ano de 2005 o qual foi filmado, onde debatemos o que eles assistiam na televisão e que posteriormente analisado. Neste mesmo grupo havia mais três pessoas, mas que não são citadas durante a pesquisa. AN e G, CAL e CC são dois casais que tiveram suas entrevistas coletadas em suas casas. AN tem 37 anos, G tem 39 anos, C tem 29 anos e CC tem 32 anos. Esses casais possuem curso superior, um ainda em andamento. Todos possuem um boa leitura da Língua Portuguesa.

Na Sociedade de Surdos, aparecem na pesquisa MAJ que é filha de pais surdos, estudante do Ensino Fundamental, tem 15 anos, freqüenta o clube dos surdos desde bebê. IL tem 68 anos não foi alfabetizada. RSE tem 81 anos sabe ler muito bem a Língua Portuguesa. I tem 61 anos, faz boa leitura da língua Portuguesa e também leitura labial e F tem 61 anos, conhece algumas palavras em Português. IL, RES, I e F são senhoras que encontrei assistindo televisão durante a noite na sociedade e pensei ser bastante relevante o que me relataram da sua experiência como expectadoras. Assim totalizo 14 pessoas que tem suas falas colocadas de maneira direta nesta pesquisa.

Nos últimos 20 anos vêm se reconfigurando as narrativas e as reivindicações nas comunidades surdas. Até pouco tempo os surdos se preocupavam prioritariamente com as relações entre surdos e ouvintes calcadas na noção de

deficiência. Na atualidade, até mesmo pelo acesso de surdos aos programas de pós-graduação e decorrente disso a produção de pesquisas por pesquisadores surdos, bem como pela mobilização surda cada vez mais ativa e politizada, os surdos estão mais exigentes em seus interesses e mais inseridos em diferentes espaços de produção. Decorrentes dessas inserções, novas exigências externas e internas à comunidade surda estão sendo feitas. Dentre essas exigências demandas para que sejam trabalhadas questões sobre a diferença surda, a cultura, a identidade e o ensino do Português para os surdos estão cada vez mais intensos. Para surdos militantes dos anos 90 e para alguns militantes ainda hoje, a demanda surda por aprendizagem da Língua Portuguesa pode parecer mais uma prática ouvinte inculcada nos surdos, porém vejo tal demanda de um outro lugar. Entendo a necessidade de conhecer melhor o Português na própria vontade de potência surda, ou seja, precisamos para nos mantermos conhecer e transitar nas produções que estão sendo feitas e registradas em Português (no caso do Brasil). Para tanto, saber e ler uma língua que não é própria surda passa a ser uma condição para que possamos nos apoderar de um legado que usado para justificar práticas ouvintes sobre os surdos.

A escrita no mundo de hoje é fundamental em todas as instâncias, também vejo isso em minha pesquisa quando os surdos respondem que preferem assistir televisão para não precisar ler. Se exigir a fala do surdo foi uma prática excludente e discriminadora, não possibilitar que ele circule com mais tranquilidade na escrita e na leitura também o é, pois negar o acesso a esse saber é não possibilitar a esse a sua inclusão no conhecimento e em espaços onde a leitura e a escrita são fundamentais. Muitas são as dificuldades que nós surdos encontramos quando nos deparamos com a escrita do Português. Essas dificuldades fazem nosso cotidiano e, muitas vezes, dificultam a nossa leitura das legendas em alguns programas televisivos. A seguir, conto uma passagem, das muitas que vivi durante a elaboração escrita dessa pesquisa. Ao contá-la tenho o objetivo de dar visibilidade a importância do conhecimento surdo sobre o da Língua Portuguesa escrita.

Devido à diferença lingüística, encontro muitos impasses na tradução da minha sinalização para o português. O intérprete está na minha frente agora realizando uma tarefa nada fácil que envolve diferentes produções de sentido. Por exemplo: utilizei em determinado momento do meu trabalho um sinal que em

português a intérprete traduziu no sentido de “completo”. A minha co-orientadora leu meu texto e pediu que eu revisasse este conceito, que eu pensasse melhor no sentido de uma relativização desta palavra. Entendi o que minha orientadora solicitou, mas entendi também aí um certo conflito lingüístico, onde a língua oral e a LIBRAS não compartilha de um mesmo significado para o sinal de “completo”.

Os ouvintes têm muito mais facilidade, se comparados com pessoas surdas, de se movimentar entre os possíveis sentidos dados culturalmente para uma mesma palavra; não quero dizer com isso que o uso da língua para ouvintes seja fácil. Vivemos, mesmo sendo surdo e integrante de uma outra comunidade lingüística, em uma cultura grafocêntrica. Tal grafocentrismo exige que nós surdos, para não falar de ouvintes analfabetos que também poderiam ser incluídos no que vou dizer, nos apropriemos, com a mesma fluência na leitura que o ouvinte possui, de códigos lingüísticos extremamente difíceis para nós. Não compartilhamos, surdos e ouvintes, de uma mesma condição sensorial que permita através de associações entre símbolo escrito e língua falada, aprender a escrever. Aprendemos a escrever mediante muitos exercícios de memorização de articulações orofaciais que não nos dão rapidez na leitura e nem mesmo fluência para interpretarmos o que está escrito. Diante dessas dificuldades, muitas vezes, por melhor que seja a leitura surda do Português ela não vai permitir que acompanhem, por exemplo, legendas colocadas nos programas de televisão ou que entendamos outros textos escritos. Esse acontecimento acaba fazendo sujeitos surdos, não tão hábeis na leitura, preferirem assistir a programas televisivos do que ler jornais. As imagens passadas na televisão podem não dizer muito para nós surdos, mas entre elas e o não domínio do código escrito, os surdos preferem a imagem. Talvez alguns militantes da causa surda atribuam tal preferência a questões específicas surdas, ou seja, a questões que são da ordem da cultura visual, porém baseado no que pesquisei, afirmo que além de questões culturais específicas estão questões de não aprendizagem do código lingüístico do ouvinte pelo surdo. Advogo a favor do aprendizado do Português escrito pelo surdo, pois vivemos em um mundo letrado que exige de todos, domínio de tal código. Não podemos ficar, mais uma vez, à margem do que está sendo produzido e divulgado em espaços que nos negamos a adentrar, incluo aqui os espaços dos programas televisivos legendados

Enquanto surdo ou, nesse caso, enquanto estrangeiro no próprio país que está fazendo pesquisa em educação e tendo que ler livros em Português que me desafiam a mergulhar cada vez mais em um vocabulário estranho, percebo o quanto é rico em sentidos o Português. Para uma palavra há muitos sentidos não conhecidos por mim. Essa multiplicação de sentidos dificulta a elaboração surda, pois o Português para nós é uma língua aprendida em consultório. Não há como fazer a correspondência entre uma palavra em Português e um sinal em Língua Brasileira de Sinais. Sei que isso também não é possível entre duas línguas orais, mas quero deixar marcado aqui que quanto mais eu entro nesse outro universo lingüístico mais o conheço e mais exercito uma espécie de leitura atenta e desconfiada daquilo que consigo ler e interpretar. Tenho de “sair” da minha língua, para adentrar uma outra se eu quiser participar do que está sendo colocado em circulação em diferentes espaços sociais e midiáticos. Poucos são os surdos que chegaram a esse nível de exigência que estou vivendo no mestrado, a grande maioria surda não chega a ter uma compreensão lingüística que possibilite responder perguntas simples sobre o que estão lendo em Português. Enredados nessas dificuldades, nas exclusões que vivemos pela falta de acesso às informações, entre outras experiências surdas, é que nos constituímos sujeitos aos outros e a nós mesmos pela dependência de outros.

Estabelecemos relações com ouvintes cotidianamente e de muitas formas, sendo uma delas pela televisão. Parece estranho dizer que telespectadores se relacionam com a televisão, mas é isso mesmo que quero dizer, porém falo de uma relação diferente. Não somos sujeitos passivos assistindo televisão. Uma vez sendo interpelados e capturados pelos programas televisivos, passamos a construir sentidos para o que está sendo passado. Trazemos o que estamos vendo para as nossas experiências e significamos, desde o nosso campo de sentidos, tudo o que vivemos quando estamos capturados pelas imagens, pelos movimentos e pelas cores que preenchem muito mais do que a tela. A diferença surda também é produzida e potencializada diante da televisão que, muitas vezes, ao possibilitar a presença de outros, mesmo que imageticamente, ora nos posiciona como sendo deficientes - pois não conseguimos acompanhar o que está sendo colocado por pessoas ouvintes—, ora nos posiciona como estrangeiros - quando as legendas escritas em Português não são decifradas por nós—, ora nos posiciona como

estranhos - quando deficientes auditivos são mostrados como exemplos de desenvolvimento e não conseguimos nos ver naqueles modelos. Enfim, ocupamos diferentes lugares em frente à televisão, portanto interagimos não com ela, mas com nós mesmos diante daquilo que ela nos possibilita vivenciar.

Diante desse emaranhado de experiências possíveis de serem vividas ao assistir a programas de televisão, é que fui desenhando os caminhos desse trabalho. Em meio a “passeios” por uma outra língua, objetivo mostrar a quem se interessar pela minha pesquisa, as produções de sentido surdos em relação a alguns programas veiculados pela mídia televisiva. Para isso acredito ser necessário mostrar a questão da diferença entre sistemas lingüísticos que permitem esta ou aquela leitura/interpretação sobre o que estamos vendo.

Entendo que as formas de recepção de pessoas surdas são distintas entre si, mas mais distintas são as recepções delas se comparadas a de pessoas ouvintes. Portanto, mesmo sem querer adentrar profundamente nos Estudos de Recepção, arrisco-me a afirmar que muitas são as compreensões surdas daquilo que assistem. Todas elas partem daquilo e das ferramentas de leitura que cada sujeito surdo possui para ler e interpretar aquilo que vê. Vale destacar que, neste caso, quando falo leitura surda, não estou dizendo necessariamente à leitura de código escrito, mas a leitura de informações visuais que possibilitam a estes sujeitos, diferentemente uns dos outros, criar representações e imagens sobre as coisas e sobre si próprios.

Feito este contexto sobre o fazer pesquisa sendo um pesquisador surdo, imagino já ter ficado claro que não tenho o objetivo de assumir os Estudos de Recepção em meu trabalho. Assumo o risco em dizer que tais estudos foram de grande valia para que eu pudesse entender a apropriação surda daquilo que assistem na televisão, bem como foram de grande valia para que eu planejasse uma forma de selecionar pessoas surdas para serem sujeitos da pesquisa, selecionasse os programas para trazer para os sujeitos assistirem e pudesse ler e analisar o que era colocado pelos sujeitos sobre o que haviam assistido.

Assim, passo agora para o capítulo seguinte onde além de todas essas tematizações trago algumas reflexões, a partir dos Estudos de Recepção, sobre movimentos surdos e reivindicação de acesso aos programas televisivos, a questão do Intérprete e das legendas e o convívio social

### 3 O OLHAR SURDO SOBRE OS PROGRAMAS TELEVISIVOS

Neste capítulo desenvolvo algumas questões bastante relevantes desta pesquisa, para melhor dar continuidade agrupei as entrevistas de três formas. A primeira conta a respeito dos aspectos culturais, diz dos movimentos surdos, da nossa história de objetivos e lutas, as reivindicações que fazemos ao acesso de programas televisivos. Na segunda parte procuro esclarecer a presença do intérprete de LIBRAS algo que muitas vezes chama a atenção das pessoas que não conhecem os surdos e a sua questão lingüística é esta pessoa que está traduzindo ou interpretando, num canto da tela e com sinais que são desconhecidos para quem não tem contato com a Língua de Sinais. E em muitas vezes dependendo de quem assiste a este intérprete pode compreender ou não o que está sendo veiculado. Além dessa situação o cotidiano nos obriga a ter outras formas de receber o que está sendo veiculado na televisão sem o intérprete televisivo. Mesmo assistindo a programações sem a presença do intérprete não somos excluídos destes programas porque conseguimos, através das imagens e dos movimentos das cenas, fazer leituras sobre o que está passando na televisão — o que não garante que estejamos entendendo o conteúdo das mensagens, principalmente se forem telejornais — porém, não somos excluídos do contexto, pois de forma sutil, digo que somos posicionados como telespectadores alienados aos conteúdos veiculados e não ao sistema de produção. O que parece estar em jogo aqui é a posição que ocupamos em frente à televisão e a imagem que fizemos de nós mesmos diante da situação de incapacidade de ler e de saber o que está sendo apresentado a quem assiste. Não temos o direito, na mídia sem tradução, de compreender o contexto das produções, acontecimento que faz de nós sujeitos surdos telespectadores não desejáveis e problemáticos devido às nossas limitações. O limite é dado em relação à surdez e não devido ao sistema de comunicação que não é pensado para sujeitos surdos que compartilham uma forma particular de comunicação.

Na terceira parte coloco a questão das legendas. Com o desenvolvimento das tecnologias o cinema passou dos filmes mudos para os filmes falados, assim também passamos do cinema, primeiro lugar a contar com a visibilidade da legenda para o vídeo-cassete, depois o DVD e mais tarde para a televisão a cabo e

atualmente a alguns programas em que aparece o *Closed Caption*, onde também temos o acesso às informações faladas.

Antes de passar para a seqüência do capítulo vale salientar que nós surdos não temos como ter garantias que estamos aplicando bem os verbos, os artigos, os pronomes e, nem mesmo, temos a garantia que a escrita de nossos pensamentos em frases feitas em Português, está legível para quem lê ou que queremos dizer em sinais esteja sendo escrito. Mesmo sabendo que o que eu escrevo nem sempre pode ser compreendido por aqueles que lêem, assumo mesmo que brevemente, a minha escrita surda. No início do capítulo que segue os leitores observarão que haverá uma forma, talvez, radical de estilo de escrita. Talvez pensem que aconteceu algum problema de digitação, que talvez o meu computador esteja com vírus porque alterou o texto escrito. Nada disso. Começo o capítulo marcando um lugar ou uma posição política — a de ser surdo e ser obrigado a produzir um texto acadêmico escrito na língua oficial do país. Argumento todo o tempo sobre o olhar surdo que assiste a programas televisivos, no entanto, para mostrar tal olhar preciso recorrer ao ouvinte que traduz o que penso em palavras adequadas e frases compreensíveis. É difícil para mim estar nessa condição, assim como é difícil para aqueles que estão comigo trabalhando no meu texto. Para mostrar para os leitores uma escrita surda do Português, e ao mesmo tempo tentando “garantir” uma escrita mais próxima da estrutura que penso em Português, segue a apresentação da discussão deste capítulo em português surdo. Saliento que o texto que eu escrevi e que não teve a presença de tradutores, está entre barras.

---

*Quero contar um pouco mais sobre o meu ensaio como acadêmico na universidade UFRGS e realizar algumas provocações neste início do capítulo. Não tente arrumar o que aí está, tente compreender. Escrevo em duas metáforas, representando a minha relação com o tempo acadêmico, o mestrado em dois anos e meio, uma outra que diz respeito ao uso minha língua “estorcida” no português, por ter pensamento na fluência em Libras, tudo que preciso acompanhamento interprete que possa traduzir forma Portuguesa correto, qual existe no padrão que na sociedade permite forma regrada, isto dificulta ter me aproximar forma na escrita que penso. Estou no meio deles na linha da pesquisa, tendo por orientador conhecido*

*“antropologicamente surdez”, isto me permite meu idealismo no projeto. Como prática tudo tem dentro sua língua portuguesa onde tem sua língua falada entre seus sons, por meus ouvidos está sempre entrando os sons sem ter penetração nos tímpanos, então como estou escrevendo com meu português, onde tenho minha lógica de pensamento para expressar forma que fui capturado pelas palavras, aqui estou tentando mostrar o meu trabalho do mestrado, sinto como um “arqueólogo”, desvendando e dando sentido para o que encontro no caminho, na prática vivência sem som, todos anos foram registrando, tal as lutas do movimento dos diretos ter as informações que nos rodeiam em volta nós, vejo todos anos sentado na frente na tela televisiva, os meus olhos penetrando as imagens passando os movimentos faz nos dançar no meu cérebro e pensando o que traduz das palavras, fiz prática do grupo surdos na entrevista, maioria vem sendo a preocupação ter recepção na língua portuguesa, porque onde vive a experiência nas cidades faladas no cotidiano, que grupos. Afirmam que tem importância ter legenda na televisão ter a prática, ou seja, aprendido nas palavras, onde pode se aproximar onde estão na cidade faladas em português. Coloco neste capítulo que questão da língua da legenda e os movimentos surdos. A partir desse momento me desloco do pensamento em língua de sinais e tento registrar em português meu ensaio.*

---

### **3.1 Aspectos Culturais: movimentos surdos e reivindicação de acesso aos programas televisivos**

Em muitos casos e inclusive na minha vida as palavras são palavras cada vez mais vazias e esvaziadas que significam, ao mesmo tempo, tudo e nada: marcas, clichês, etiquetas de consumo, mercadorias que se avaliam bem no mercado, etc.. Palavras que mascaram a obsessiva afirmação das leis e da excessiva ignorância dos sentidos. Palavras que permitem ocultar-se atrás de nós mesmos e, ao mesmo tempo, representar uma mímica da alteridade que nos livra da presença inquietante de tudo aquilo que deve ter um nome e um lugar para ser incluído, excluído, comunicado e, de novo, ignorado. Palavras para ensurdecer os ouvidos e nos



tornam insensíveis às diferenças, para continuarmos sendo nós mesmos, com a mesma roupagem, a mesma arrogância, a mesma violência, o mesmo medo de nos abandonarmos, de nos sentirmos, de nos olharmos ou de sermos outros e em trânsito.

As palavras entram e saem de nossas casas, de nossas vidas, nossos sonhos e desejos. A palavra tem lugares. Mesmo as que para nós nada significam, precisam ter um lugar, uma lei, uma materialidade e uma realidade que nos conforta, conforma, inibe ou revolta. As palavras não são meros artifícios numa tela branca da consciência, elas potencializam o amor, o ódio, a política, a cultura. Algumas entram outras caem, outras se perdem, outras derramam. Algumas são entediantes, outras engraçadas, outras pesadas, outras feias, outras mórbidas.

Mas que estranho eu ter começado por palavras, já que na origem deste trabalho eu imaginava que trataria de relações muito mais gerais. Na verdade eu desconhecia o trabalho a ser construído. As palavras, as legendas, a recepção dos programas televisivos por parte de pessoas que como eu, são surdas, têm na imagem, movimentos e sinais como referência maior do mundo. As próprias palavras se tornam mais bonitas quando estão ao vento, dançando de mão em mão.

No início do meu trabalho, tinha uma idéia mais esparsa do assunto da mídia. Eu imaginava a importância das legendas, particularmente com surdo, mas não imaginava que os surdos entrevistados fossem demonstrar em suas narrativas uma valorização tão importante da questão do acesso aos programas. As legendas em Português são um dos exemplos de como as palavras da língua portuguesa podem ser acessadas, mas existem outras maneiras como os comerciais que exibem palavras escritas fora da legenda e que nos possibilitam compreender, quase que instrumentalmente, o que está sendo divulgado nos comerciais. Existem também programas em que o assunto tratado favorece uma leitura imagética, ou seja, a imagem sozinha possibilita que consigamos ler a mensagem que está sendo transmitida. Enfim, muitos são os programas e as formas de leitura de suas mensagens. Cada sujeito surdo a partir de suas condições pessoais, culturais e de comunicação conseguirá ler o que está sendo transmitido de uma forma diferente. Não há garantias nem para surdos e nem para ouvintes de que o que está sendo transmitido seja recebido de uma só forma. Entre a notícia, enredo de novela ou qualquer outra modalidade de programa televisivo e o telespectador há uma distância interpretativa que é preenchida por questões culturais que determinam

significados particulares às mensagens. Talvez os leitores estejam pensando, como as pessoas conseguem conversar sobre uma notícia que saiu em um telejornal se cada sujeito escuta uma coisa diferente do outro. Essa resposta está na definição de alguns códigos comuns que são estabelecidos na comunicação entre as pessoas de um dado grupo social. Conseguimos conversar porque temos códigos comuns que permitem a compreensão do que é transmitido, mesmo que o significado do que recebemos seja dado por cada indivíduo de forma particular. Não há como uniformizar a recepção dos sujeitos sociais, pois cada um significa as coisas do lugar que é capaz de percebê-la sendo enunciada.

Diante dos diferentes programas televisivos os surdos que possuem maior conhecimento do Português escrito e maior habilidade de leitura, preferem aqueles com legenda. Já os surdos que não possuem maior intimidade com o Português preferem assistir aos programas que possuem o intérprete de Língua de Sinais fazendo a tradução. Em qualquer dos casos, está implicada a qualidade ou da legenda ou da imagem do intérprete.

As legendas têm papel preponderante, pois são exibidas em programas de maior audiência, como filmes e noticiários. As palavras nas legendas são contínuas, seguem uma ordem que permitem aos surdos entender o que a legenda está trazendo em forma de texto escrito.

Em propagandas, onde não há a presença de legendas e nem de intérpretes, a relação do surdo com o que está sendo veiculado é diferente, pois este busca alternativas visuais para entender o que está sendo colocado. Geralmente nos comerciais aparecem palavras soltas, como, por exemplo, marcas de roupas, carros, cigarros, perfumes ou de alimentos, quando os surdos conseguem captar essas informações, interpretam as mensagens transmitidas. Nos comerciais palavras são diretamente associadas a imagens o que favorece a leitura surda e a atribuição de significados para o que está sendo apresentado. Vejamos algumas histórias surdas a partir de distintos programas televisivos e algumas outras necessidades produzidas a partir da interação surda com os programas que assistimos na televisão.

As telenovelas<sup>1</sup> são os programas mais citados pelos surdos. Quando perguntei aos surdos participantes da pesquisa sobre se assistiam novelas, obtive

---

<sup>1</sup> Um acontecimento marcante nos últimos anos foi a introdução do sistema *closed captions* na novela das vinte horas da Rede Globo - *Belíssima*.

distintas respostas que mostravam diferentes estratégias adotadas para acompanharem o enredo da novela. Perguntei a eles se sempre assistiram novelas e eles responderam que sim. Antes da legenda— *Closed Caption*— eles pediam para familiares traduzirem, buscavam na internet ou em revistas a sinopse dos capítulos antes mesmo deles serem passados na TV. Após a inserção da legenda conseguem participar mais ativamente do que assistem e, inclusive, conseguem participar de discussões na própria comunidade surda sobre o que poderá acontecer nos próximos capítulos.

O uso da legenda nos programas televisivos tem gerado outras necessidades para nós surdos. Se antes reivindicávamos o acesso e o desenvolvimento surdo em Língua de Sinais, hoje já tendo garantido o primeiro caso, começam a surgir outras necessidades, por exemplo, do aprendizado do Português escrito. Precisamos saber o significado das palavras para compreendermos o que está escrito nas legendas, cada vez mais somos chamados a conhecer mais palavras e, cada vez mais, estamos mais exigentes por qualidade de ensino de Português para surdos. Diante da leitura e das palavras desconhecidas montamos muitas estratégias de tradução e compreensão dos significados possíveis para as mesmas, às vezes, anotamos as palavras desconhecidas em um caderno para buscarmos na internet ou no dicionário um sentido para ela, outras vezes, perguntamos para algum ouvinte que está próximo ou anotamos e esperamos que a mesma palavra apareça em outros momentos para irmos montando significados para ela. Outra estratégia que montamos, porém nem sempre é possível de colocarmos em prática, é de compararmos a palavra desconhecida com a leitura labial do personagem.

Alguns dos sujeitos da pesquisa mostraram momentos onde era praticamente impossível acompanhar a imagem e a legenda. Um depoimento muito interessante de uma jovem que cresceu assistindo televisão e tendo como única fonte de informação a imagem, hoje quando assiste televisão com *Closed Caption* em alguns momentos não sente-se muito bem com este recurso, pois fica quase que impossível de acompanhar o que a imagem mostra e o que a legenda diz, “ou olho para um ou olho para o outro”. G. durante sua vida cresceu assistindo televisão de uma única forma, agora tem que se adaptar a um outro modo de receber as informações. RN nos conta que quando assiste ao futebol prefere não ter legenda, pois já sabe o nome dos jogadores, torcer, acompanhar a bola e a legenda fica muito complicado.

Os elementos em jogo são variáveis que se destacam segundo as posições dos sujeitos em relação à comunicação, os discursos presentes, os objetos abordados, e os campos de saber que nele se articulam. A proposta é recusar qualquer interpretação desmedida, bem como qualquer tendência a enredar o sujeito a uma posição natural no discurso, na direção de uma análise das descontinuidades e variações presentes nas narrativas.

Todas as questões que levanto sobre os movimentos surdos gerados a partir de um maior acesso ao que está sendo veiculado pela mídia televisiva, conduziram-me a pensar não só no espaço que ocupa a mídia em nossas vidas, como nas implicações da presença dela em nosso cotidiano. Hoje entendo que a mídia nos ensina e nos convoca a participar daquilo que ela transmite. O caráter pedagógico e a capacidade de interpelação dos programas televisivos exigem que suspeitemos daquilo que assistimos, ou melhor, tudo está sob suspeita, mas, neste caso, as condições que possuímos de interpretação, os muitos contextos que nos enredam na atribuição de sentidos ao que vemos exige de nós surdos uma espécie de vigilância de nós mesmos. Não quero que a idéia de suspeita seja lida como mera demonização da mídia, mas quero que ela tome o sentido de pensar sobre tudo o que entendemos e sobre tudo o que vivemos a partir do momento em que somos capturados e posicionados como sujeitos sociais. Nesse sentido, fui buscar nos Estudos de Recepção elementos que, primeiro, me fizessem entender um pouco mais sobre a produção de sentidos sobre o que vemos, segundo, com uma preocupação metodológica, que me fizessem entender como poderia aproximar tais estudos das teorizações desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais.

Escosteguy (2005), ao escrever sobre os Estudos de Recepção, nos possibilita pensar em aproximações destes aos estudos culturalistas. A idéia de recepção exige um sujeito ativo, ou seja, um sujeito que ao ser capturado pelos enunciados que circulam nos programas, vai dando sentido ao que vê e vai se mobilizando e posicionando, inclusive socialmente, a partir do que significa. Muitas interpretações podem ser produzidas a partir do que vivenciamos através da mídia. Cada interpretação chama a atenção para o lugar de leitura. Nossas experiências, nossas identidades, nossas verdades e nossas diferenças estão implicadas naquilo que significamos ao sermos interpelados.

Para Escosteguy (2005), os Estudos de Recepção compartilham com os Estudos Culturais, entre outros elementos, do caráter cultural implicado e determinante das leituras que fazemos sobre o que estamos envolvidos.

Trago um outro tipo de programa onde há forte relação com a imagem que está sendo apresentada e o que está sendo dito. Trago como exemplo os programas televisivos que colocam a previsão do tempo. Por isso é importante que se diga que os programas televisivos fazem parte da vida de nós surdos se algumas vezes sentimos que devemos procurar o sentido do que vemos, em outros momentos nos identificamos com eles.

Porque as imagens ou as coisas dita, naquele lugar e através daqueles recursos de linguagem, fizeram sentido para nós, tocaram-nos em nossos desejos, sonhos, convicções políticas ou religiosas, faltas ou aspirações. Talvez simplesmente porque ali nos reconhecemos, nos sentimos representados e pudemos, num dado momento, conscientemente ou não, dizer: “Sim, é isto aí. É bem isto”. (FISCHER, 2001, p.28-29).

Todas as informações contidas na previsão do tempo, por exemplo, estão de forma clara na imagem, para nós surdos ela é recebida de forma completa. Já quando há apenas o apresentado do telejornal falando a notícia o *Closed Caption* se torna indispensável e o conhecimento dos significados diversos de uma mesma palavra também. O texto televisivo se apresenta como uma ótima estratégia para alcançar os ouvintes porque coordenam som e imagem harmonicamente, fazendo com que as pessoas atribuam sentido às imagens. Com os surdos também ocorre uma coordenação de elementos que fazem com que seja produzido sentido, porém, somente com o conteúdo imagético. Esses dados devem ser destacados como premissas para uma análise do uso social das mídias entre os surdos, compreendendo que temos um uso diferente dos meios de comunicação e que estes são sempre meios de expressão de um segmento da sociedade que entende o mundo através de imagens.

Essas estratégias buscam a exploração da “relação concreta constituída pela interação entre um texto televisivo (mensagem, programa) e os receptores, qual denominamos significado existencial”. (ESCOSTEGUY, 2005, p.64)

Como pensar “o lugar estratégico que a televisão ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias” (BARBERO, 2002, p.26), e ainda, como nós surdos temos tido participação nestas estratégias, como minoria, frente a uma dinâmica social tão esmagadora? As estratégias variam conforme as localidades, as condições dos sujeitos, os contextos, etc.

Como foi dito no primeiro capítulo, os sujeitos são impelidos a interpretar o mundo e existem meios formais dessa interpretação. A televisão vista como um artefato que constitui realidades e é constituída por elas, nos coloca entraves de ordem prática que acabam operando como elementos que posicionam os surdos dentro de uma rede diagnóstica. Tal rede parte de uma determinada concepção de sujeito e de uma determinada normalidade que traz arraigada a si conjuntos de regras e de critérios que acabam determinando o normal e o anormal recepção, encarando o surdo como “anormal”, “deficiente”, isto é, um ser em falta com os critérios de compreensão do mundo.

Nos momentos em que há uma pessoa ao nosso lado, as estratégias de traduzir e encontrar sentidos para uma determinada palavra ficam de lado, pois a imediatez de uma tradução é mais importante do que comparar a palavra e a leitura labial, ou do que memorizar e consultar o dicionário ou a Internet. Em alguns momentos, a pessoa que está ao lado do surdo faz uma breve explicação ou um resumo do que está sendo veiculado, ou seja, ela já traz sua leitura e o que conseguiu captar do que está sendo transmitido pela televisão. Nós surdos, até bem pouco tempo, não entendíamos, como que o tempo do que aparecia em uma cena era um e de tradução completamente outro. O tempo da televisão e o tempo da interpretação não eram os mesmos, visto isso, o questionamento aparece enfocando o que está sendo sonogado ao surdo.

Hoje, com a legenda, é possível entender que é complicado querer interpretar todas as conversas e todas as informações ao mesmo tempo. Wrigley em seu livro nos coloca a respeito da Língua de Sinais e da língua oral:

Determinados os pontos de início, tanto no modelo fisiológico do corpo como na pressuposição da linguagem-como-fala, não se tem permitido espaço para uma modalidade da linguagem baseada no visual que precise de tal premissa. Ou melhor, tal linguagem quebraria as regras da ordem dominante, e se reconhecida, seria assim uma fora-da-lei. Um fora-da-lei é algo sem regras, fora dos limites das ordens estabelecidas da compreensão. As linguagens

dos sinais estão situadas na interseção da linguagem com a lei. Os policiais da ordem cultural procuram prendê-la: uma linguagem forada-lei que se torna "prisioneira da linguagem". Embora muitas vezes presa, a linguagem dos sinais atualmente é uma fugitiva em qualquer lugar. (WRIGLEY, 1996, p.18)

Sinto-me, assim como muitos outros surdos que participaram desta pesquisa se sentem, como "seqüestrado" uso a palavra seqüestro como forma de ser apreendido pela Língua Portuguesa e o preço a ser pago é o aprendizado da língua para então ter a liberdade de fazer o melhor uso dela. Quero me expressar de alguma forma em relação a linguagem e em muitos momentos é travada, como se nós surdos não tivéssemos liberdade para expor nossos pensamentos expressos em LIBRAS para a leitura, a escrita no Português, a leitura labial, a fala e a oralidade, como múltiplos tipos de comunicação. Muitas vezes nos misturamos e neste meio tentamos algum relacionamento com a fala, com o som em Português, mas nós não temos isso, assim encontramos de maneira superficial através da leitura labial, mas não é o mesmo sentido. É como se estivéssemos nas profundezas do mar e sentíssemos nos faltar o ar, vamos até o fundo na tentativa e nos damos conta que há um limite, que não temos mais ar, aí temos que voltar para a superfície, por mais que haja coragem e vontade na busca.

Trago como exemplo algum ouvinte que não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) entre surdos. Para que a comunicação aconteça vai depender, entre outras coisas, do nível de competência da oralidade do surdo para ter mais facilidade na comunicação, por outro lado se este ouvinte sabe LIBRAS, isso facilita e faz fluir a comunicação. As pessoas ouvintes não usuárias de Língua de Sinais possuem diferentes formas de explicar as informações, gestos, articulação labial, dentição, formações maxilares, expressões faciais e corporais, são elementos que auxiliam ou atrapalham no momento de receber a informação. Alguns desses elementos são mínimos como a dentição e a articulação, mas o que ocorre na maioria das vezes é que, quanto maior for a disponibilidade da pessoa, mais fácil de compreendê-la. O ouvinte pouco usuário da Língua de Sinais tenta resumir o que foi veiculado, de uma forma rápida, mas compreensível.

Na pesquisa aparece, um casal de surdos que assistem juntos aos programas televisivos. Eles trocam informações a respeito dos significados das palavras, das imagens. Há uma interação, uma conversa e opiniões sobre o que está sendo

apresentado nas imagens; podem ser montadas a partir das duas interpretações em negociação.

As imagens são compreendidas e interpretadas, dentro de um referencial espaço-visual e dentro de um espaço de enunciação que compreende o corpo daquele que se expressa. Lingüisticamente, podem-se explicar os níveis de compreensão dos surdos conforme o seu grau de aprendizagem da Língua de Sinais, seu meio sócio-cultural, e o nível de fluência daquele que enuncia. Essas diferenças entre as experiências lingüísticas podem nos indicar que existem maneiras diversas de um surdo acessar os programas televisivos, pois irá depender da situação, da presença de legendas, do acompanhamento de um intérprete, etc.

Não se poderia fazer aqui meramente uma análise do conteúdo compreendido pelos surdos, pois o que está em jogo são sempre as questões culturais, sócio-históricas e particulares que determinam diferentes compreensões de um texto televisivo. É preciso que saibamos o quanto variam as exposições do surdo à Língua de Sinais, o quanto esses surdos estão transitando de uma compreensão visual-espacial para uma compreensão oral-auditiva da linguagem, o que coloca o surdo constantemente em uma situação de tradução e passagem de uma modalidade de pensamento a outro. A compreensão se dá por vias distintas, e nos surdo temos de jogar com as suas limitações quanto à língua Portuguesa e os seus quadros referenciais de pensamento viso-gestual.

Não apenas por ser surdo e usuário de LIBRAS que atuo nesta pesquisa, mas também porque sou interpelado pela mídia televisiva e sou atravessado pelo que ela profere; de maneira a me situar nos limites das representações, das linguagens e demais instâncias conflitivas constituintes da mídia televisiva, se anulam quaisquer possibilidades de uma observação analítica uniforme. No entanto, sinto a necessidade de neste trabalho me afastar das concepções clínicas da surdez como constituidoras da subjetividade dos sujeitos surdos, dando preferência a outras áreas do saber e às visibilidades possibilitadas por um veículo que transmite imagens que são ressignificadas e representadas no cotidiano dos que o assistem.

A partir das variadas formas de comunicação, dos processos de entendimento, de compreensão e atribuição de significados aos programas procuro em conjunto com os sujeitos pesquisados, descobrir quais relações e variações de comunicação se encontram, com a finalidade de ter uma idéia das muitas relações possíveis a se estabelecer com a televisão. Utilizo a palavra comunicação para dar conta de uma



série de conceitos, como leitura labial, linguagem visual, e Língua de Sinais... Tento também, saber se os programas assistidos pelos sujeitos da pesquisa estão sendo compreendidos em Língua de Sinais ou em Português, pois isso marca uma outra atribuição qualitativa das produções de significado.

O fato de os programas estarem sendo recebidos em Língua de Sinais não quer dizer que estejam sendo apresentados pela televisão dessa forma, mas que alguma pessoa perto o faz. Com isso há uma série de possibilidades aos surdos que podem estar obtendo informações sobre os programas através de leitura labial ou da Língua de Sinais de seus familiares ou amigos.

Wrigley, em seus escritos, aborda a Língua de Sinais vista por aqueles que ouvem como prisioneira:

Ela aparece na terapia médica, audiológica e da fala como "retardamento" ou, numa linha de pensamento mais dinâmica, "instalação atrasada" da linguagem verbal. É, portanto, um código para uma visão da ordem da linguagem. As políticas convencionais parem educar as crianças surdas, a compreensão de quem o Surdo é, e noções do que são abordagens adequadas para "auxiliar" e "assistir" nas técnicas "curativas" e "terapêuticas" arranjadas todas elas presumem uma associação nesta ordem de linguagem. (WRIGLEY, 1996, p.19)

A partir da minha relação com esta pesquisa e das experiências que tive, vejo que, dependendo do nível de compreensão de linguagem possuído, o modelo clínico está presente apenas de uma outra maneira, transvestido. De nada adianta colocar na tela da televisão as legendas se os surdos que assistem não têm anteriormente adquirido a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita; também não se tem sucesso se o intérprete não é compreendido pelo surdo. Em caso de surdos analfabetos ou não letrados, as legendas não possuem função. E se o surdo não tiver contato com a Língua de Sinais, os sinais do intérprete não terão significação alguma. Num momento das entrevistas, enquanto estava na SSRS observei quatro senhoras surdas, com idades que variam entre os 50 e 70 anos, que estavam assistindo a um programa. Essas senhoras se encontram com certa frequência na SSRS, então comecei a conversar com elas. Uma que sabe ler muito bem, outras duas que sabem algumas palavras e uma outra que não sabe ler. A primeira acabava traduzindo o que estava se passando na televisão, a que não sabe ler quando está com companhia na sociedade convida uma amiga para sentar-se ao

seu lado e traduzir o que se passa; nos momentos em que está em casa sozinha, liga a televisão e assiste as imagens, disse que se acostumou a assistir dessa forma, olha as imagens. Já uma outra senhora que conhece algumas palavras pede para a filha traduzir quando não entende. Esse fato mostra que não basta ter legenda, antes é preciso saber ler, saber Língua de Sinais, enfim, ter uma linguagem, uma língua. Conforme falei no Capítulo 2 seção 2.3 “Flashes da História”, essas senhoras freqüentaram a escola, foram oralizadas; a Língua de Sinais era proibida e, como podemos ver, esse método fracassou.

Em situações diversas, mostro que sujeitos surdos envolvidos na pesquisa estão nestas variantes e se deslocam por caminhos às vezes obscuros, não conseguindo abstrair das mensagens algo de significativo, ou então os surdos não têm compreensão de fatos anteriores necessários à compreensão das mensagens, não encontrando motivos de significação nos textos assistidos.

Passo agora para a próxima parte onde coloco a questão do intérprete de Língua de Sinais e a relação de compreensão surda com o que está sendo traduzido.

### **3.2. Presença de intérprete**

Algumas vezes na pesquisa aparecem casos de surdos que contam com a presença de um intérprete/pessoa com fluência em Língua de Sinais. Essa pessoa, além de ter a fluência da língua de Sinais e em língua oral, também apresenta aos surdos sua “visão ouvinte” sobre as coisas. Os sentidos colocados a conhecer na tradução do intérprete são compartilhados por todos. Quando a comunicação se estabelece em uma relação de quase cumplicidade entre surdos e intérpretes, as relações, estabelecidas entre eles e a TV, mudam de lugar. O surdo deixa de ser ou de sentir-se “fora” da relação com o que está sendo veiculado e passa a interagir durante a interpretação com o intérprete. Posso dizer que a relação que se mantém com a figura de um intérprete; neste caso presencial, em vez de ser uma relação direta com a televisão, é uma relação direta com o intérprete ficando a televisão em segundo lugar. Segundo uma das pessoas que participou da pesquisa:

*M: Quando assisto com minha mãe uma novela, peço para ela traduzir, ela só o faz depois da propaganda, logo me explica um pouco resumidamente, pois na novela passou muita coisa sem ter a mesma explicação.*

Neste caso específico, a interpretação acontece de uma forma particular, ou seja, não é feita simultaneamente ao programa, mas, sim, depois que o capítulo da novela acaba. Um resumo é colocado pela mãe que faz uma tradução/interpretação resumida dos acontecimentos. Estabelece-se uma compreensão distinta do que circula nos programas, a partir de uma relação distinta que se mantém entre espaço midiático, de interpretação e de quem assiste aos programas. Uma relação que permite estabelecer elos de identificação com o outro, bem como permite uma outra aproximação entre surdos e ouvintes, língua de sinais e língua portuguesa oral. Nessa relação, onde a língua de sinais é bem posicionada dentro de uma rede de sentidos e de importância, vemos deslocar e desaparecer representações de limites, de incapacidade surda para a comunicação e leitura do que está sendo veiculado imageticamente.

Dentro de relações onde a língua de sinais se coloca de forma espontânea no encontro do surdo com o surdo, ou do surdo com o intérprete, a cultura e a identidade surda são forjadas de forma particular, caracterizando o desenvolvimento espontâneo dos sujeitos e da própria língua, acontecimento esperado em processos de aquisição da linguagem (QUADROS, 2005, p.29).

Quando o intérprete não está ao nosso lado, mas nos programas veiculados pela televisão, a relação entre surdo e intérprete difere um pouco. Como não há possibilidade de perguntar sobre o que está sendo veiculado, os surdos têm, muitas vezes, que se conformarem com informações que faltam, não são completadas e nem mesmo são compreensíveis devido ao próprio vocabulário envolvido na tradução. Tal acontecimento não inviabiliza a interpretação e nem a interação mensagem e telespectador surdo, diferentemente disso, marca uma outra relação entre o surdo, a mensagem e o intérprete.

Muitas vezes, durante os programas com intérpretes, quando os surdos possuem o apoio de pessoas ouvintes que estão assistindo televisão junto com eles, solicitam esclarecimentos sobre o que não está sendo compreendido da tradução. Este processo permite que colocações sejam esclarecidas e que a comunicação continue a se estabelecer. Quero marcar aqui a diferença entre o telespectador

surdo e o ouvinte. Os programas televisivos são pensados para ouvintes acontecimento que favorece a compreensão ouvinte e não favorece a compreensão surda.

As pessoas surdas constituem-se de uma maneira não auditiva, principalmente visual. É através desse visual que constroem suas idéias, seus conhecimentos, seu desejo, enfim, a si mesmos. Conforme nos coloca Skliar (2001, p.27). “A surdez é uma experiência visual [...], e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual”.

Nossa compreensão sobre as coisas passa, principalmente, pela visão. Nessa linha, contamos com imagens que possam nos trazer elementos que nos permitam ler o que está sendo transmitido pela televisão. Como nem sempre contamos com uma boa imagem do intérprete de LIBRAS no canto da tela, ficamos prejudicados em nossa leitura, pois não conseguimos ver sinais importantes para que a compreensão do que está sendo colocado se estabeleça. A imagem do intérprete é muito pequena e não funciona como poderia, não coloca as informações de maneira a serem recebidas e compreendidas pelos surdos. Para os sujeitos da pesquisa:

*C: Eu não gosto muito da janela com o intérprete. Acho importante, entendo, mas não gosto muito. Muitas vezes, faltam informações, as frases são incompletas, falta clareza. Por exemplo, se o programa está se referindo a uma doença específica. O intérprete apenas explica que se trata de “uma doença” e não explica a notícia por completo. Falta o nome da doença, do que se trata.*

A televisão é um dos veículos que mais chega à população. Como um veículo de massa, ela passa a ser um poderoso elemento que informa e ensina a população sobre diferentes coisas e acontecimentos. Sendo a televisão um dos meios de comunicação que tem mais facilidade de chegar até todos, não podemos ficar, como sujeitos surdos, privados de assisti-la, porque não conseguimos ver o intérprete ou porque não há outro tipo de tradução do que nela é passado. Os surdos, embora já tenham modificado boa parte dessa situação na atualidade, são partes da população que sofre não uma ampliação de saberes e informações, mas a restrição desses (BARBERO, 2004, p.86).

Acostumamos a ter o intérprete ao vivo, usualmente com 180 graus de visão, na nossa frente, nos interpretando, passando informações de forma mais expressiva e clara. Nas janelas abertas nos programas para que a interpretação ocorra não contamos com a amplitude e nem mesmo com a visibilidade de quem interpreta, há uma redução na imagem. Tecnicamente, especialistas em televisão afirmam que a apresentação da imagem perde qualidade quando se abrem janelas para o intérprete. O que está em jogo, muitas vezes, na qualidade da interpretação não é o intérprete em si, mas o olhar de quem faz a produção e não quer ver seu produto alterado ou “prejudicado” com a presença de uma janela que rouba parte do espaço da cena. O surdo necessita enxergar seu intérprete, para ter sua recepção visual garantida, é preciso enxergar claramente as mãos se movimentado para expressar os significados que as palavras nos informam.

A janela, às vezes, é tão pequena que não é possível ver as mãos do intérprete e, muito menos, é possível distinguir os sinais que este está fazendo. Em outros momentos, quando a imagem do intérprete é maior, torna-se visível o que está sendo traduzido. Um dos sujeitos da pesquisa afirma: *Gostaria fosse contrário intérprete maior e pessoa falando numa janelinha (trecho suprimido)*.

O direito a ter acesso à comunicação, passa pelo direito de qualidade neste acesso. Barbero (2004), ao escrever que o ver se transforma em um paradigma conceitual, nos faz pensar que passa pelo direito surdo a diminuição da distância entre comunicação e democracia, ou seja, é de direito surdo ter acesso ao que é informado pela mídia.

Nós surdos temos a necessidade de olhar – o único canal de acesso às informações. As pessoas que ouvem e não são cegas possuem os dois acessos ou canais para captar suas informações, um entra pelos ouvidos e o outro pelos olhos, mas já é suficiente ouvir. O acesso à informação de forma satisfatória só seria possível se houvesse uma outra forma alternativa de interpretação. Por exemplo, poderia se criar uma janela de interpretação à semelhança do *Closed Caption*. Seria uma opção para as pessoas que não necessitam da interpretação e uma opção para os surdos. Melhor seria se houvesse a possibilidade de se controlar a posição da janela e o tamanho de acordo com a necessidade do telespectador. Para isso seria necessária uma padronização dos aparelhos televisivos. Independente das controvérsias que isto possa gerar, o importante é que os surdos poderiam ter

acesso às informações disponíveis na televisão. Com este acesso, a informação seria pública e permitiria a estes telespectadores reconhecerem-se, serem incluídos e terem acesso às discussões sociais ao invés de, muitas vezes, ficar em adivinhando a mensagem. Com isto seria possível acontecer um debate social entre os surdos e entre surdos e ouvintes. Barbero (2004), ao escrever que a comunicação permite a democratização e a participação de pessoas em debates sociais, quando elas possuem acesso ao que está acontecendo, coloca aqueles que não possuem acesso ao que é transmitido pela mídia televisiva fora do campo de tensão. Sem saber e sem informação, os surdos não possuem condições de entrar na arena de lutas políticas e culturais.

Na tentativa de provocar deslocamentos daquelas posições sociais criadas para e pelos próprios surdos de desajustados, perdidos e alheios ao que está acontecendo, iniciativas como as tecnologias do Closed Caption podem ser pensadas. Dando continuidade a este trabalho, passo então para a questão das legendas, das palavras, do português como forma de recepção.

### **3.3 Com legendas**

O movimento feito pelo surdo diante da legenda é em busca de um lugar de ocupação. As palavras se esclarecem num jogo de imagens onde o surdo faz ligações para compreender a mensagem e fazer a partir disso uma nova construção da diferença e da imagem que os narram. Esse jogo imagem X texto é o que permite uma maior ou menor superação do limite da língua quanto à compreensão da mensagem numa fusão da Língua Portuguesa (legenda) e de elementos da Língua de Sinais presentes na imagem visual. A não compreensão da mensagem pelo surdo através da legenda, não se dá pela falta de linguagem, mas por uma exclusividade na transmissão da mensagem pela televisão às línguas orais.

A forma escrita da Língua Portuguesa pode ser um caminho através do qual os surdos alfabetizados conseguem ter acesso às informações. Na contemporaneidade, todos precisam saber de tudo a toda hora; quem não está devidamente informado é representado como alienado, ignorante, não tem as mesmas possibilidades de relações dialógicas e suas opiniões são menosprezadas. As pessoas surdas sem o acesso às informações, ao mesmo tempo em que são

transmitidas aos ouvintes, ficam sempre para trás na grande onda informativa que nos invade, todos os dias, pela TV, Internet, imprensa. Ter acesso ao que é veiculado em Língua Portuguesa possibilita não só no acesso às informações, mas também na participação social e política surda.

Nos surdos utilizamos as legendas de uma forma alternativa à esperada pelos que desenvolveram essa técnica; não se trata apenas de uma questão de acesso aos meios interativos e de lazer que dispõe a nossa sociedade, mas, sobretudo, de uns conflitos culturais ininterruptos, que se mostram na constante ressignificação da própria língua em jogo. O Português escrito é uma ferramenta usada pela comunidade surda para adentrar outros universos, seja do trabalho, da sociabilidade ou da simples comunicação com os familiares. Portanto, saber ler e ter acesso a legendas representa ter acesso a uma ferramenta política que possibilita outros entraves culturais. Embora a legenda seja uma condição para que surdos alfabetizados possam participar do que é transmitido, nem sempre esta favorece a leitura surda. Na opinião de R há programas que não favorecem a presença da legenda, mas na opinião de RN e de RA a legenda sempre é bem vinda:

*RO: Anotamos as palavras e procuramos no dicionário ou perguntamos para os pais. Outra coisa, to imaginando se tivesse legenda no jogo de futebol, acho que não precisaria, só ai sair na legenda gooolllll.*

*RN: Pois não precisa mesmo, é só olhar a ação do gol.*

*R: Mas tem locutor falando, então gostaria de saber.*

Aqui aparece divergência de opiniões. Alguns preferem a legenda até como uma forma de aumentar seu vocabulário, fazendo uso do dicionário ou com o objetivo de ter acesso à informação. No que se refere à preferência alguns surdos citam a legenda da locução do jogo de futebol ora por curiosidade, para saber que tipo de informações são passadas, ora para conhecer melhor o Português. Da mesma forma que algumas pessoas preferem ouvir a locução do rádio em detrimento da locução da televisão ou outros ainda, como na Inglaterra, assistem apenas ao jogo sem qualquer tipo de narração. Quanto às experiências sociais destes três entrevistados acima, eu pude perceber que o R não tinha conhecimento da narração do jogo e estava imaginando se tivesse. Isto talvez por ter uma

convivência maior com surdos. Diferente de RN e RO que já tinham conhecimento da presença da narração e optam respectivamente pela supressão e pela legenda..

Quanto às notícias e informações, como, por exemplo, o Jornal Nacional, que foi um dos primeiros programas a ter legenda, R lembrou-se de perguntar:

*No jornal Nacional tem legenda?*

*RO: Às vezes vejo que a fala é rápida, e a legenda atrasa-se.*

*RN: Às vezes a legenda tem duas linhas e vai muito rápida, as vezes sai algumas letras é confuso e possui alguns erros.*

Percebemos que a recepção não é tranqüila como gostaríamos e então trago para cá uma frase usada por I, a qual já foi dita sobre os intérpretes, *I: Gostaria que fosse ao contrário interprete maior e pessoa falando numa janelinha. Se isso acontecesse, pelo menos em parte a questão da compreensão estaria resolvida. Seguimos adiante e RO com sua fala pode me mostrar o que até então não estava tão claro para mim.*

*RO: Às vezes olho leitura labial e sai um pouco diferente da legenda.*

Depois que anos já se passaram, algumas coisas permanecem na nossa vida, como desde criança está acostumado a fazer leitura labial, hoje isso é quase tranqüilo na sua vida. Questiono-me se desde criança ele tivesse acesso ao português escrito, se isso também não seria algo usual, assim como é a leitura labial.

*RO: Antes não tinha legenda, prestava muita atenção na leitura labial e tinha palavras fáceis, mas o problema que não conhecia outras palavras diferentes, por isto gosto legenda.*

A mesma associação G faz em relação a legenda, e o quão precária é essa tecnologia em alguns momentos. Na sua colocação argumenta:

*G: vou trocar...(pega controle). A novela tem legenda, se não tiveste, o que faríamos, fica prestando mais atenção, fico angustiada, gosto ter legenda, mas às vezes sistema falha por alguns minutos.*



Um saber de palavras que pode em alguns momentos aparecer de forma multifacetada, que é apático diante das relações e abstrações prévias que determinem os sujeitos numa rede dialógica, isto é, as formas de acesso aos conteúdos de interesse se formam por entre as vias possíveis, nos seus interstícios, nas suas discontinuidades. A compreensão pelos sujeitos abordados se dá num complexo de vias alternativas que escapam das previsões, mas que necessitam ser continuadas.

*AN: Às vezes não tem legenda, mas tem a Internet onde se encontra o resumo e as vezes olho no jornal, todo domingo tem resumo [da novela] da semana. É uma pequena explicação, mas facilita para entender o que se passa nas conversas, o dialogo da novela, isto faz compreender melhor (trecho suprimido).*

Neste sentido, AN nos conta que, para entender, precisamos ter alguma base, algum conhecimento, algumas vivências, para então poder avaliar a questão das legendas, não apoiar-se apenas nelas para saber o que se passa mas ler o contexto, o todo o que rodeia muitas vezes a sua própria experiência, isto facilita a leitura e melhora o entendimento da comunicação.

*AN: Texto é perfeito, às vezes entendo e outras vezes não, se a novela me chama atenção, consigo penetrar mais no entendimento.*

E em relação ao aprendizado do Português, continua a colocar a respeito do estímulo que as legendas tiveram na sua vida para o aprendizado dessa língua, muitas vezes, cobrada na escola, mas sem uso efetivo na vida social e menos ainda quando assistia televisão, pois as pessoas só falavam e nessa fala nada penetrava os ouvidos e muito pouco entrava pelos olhos do que as pessoas falavam, ficava algo fragmentado e sem sentido da palavra. Um eterno quebra-cabeça a ser constantemente montado, peça por peça, tentando encaixar em algum lugar.

*AN: Pois este ano pela primeira vez uma novela no horário nobre tem legendas, fiquei muito feliz, aprendo muita coisa e em relação às palavras, tem muitos momentos que não conheço o significado. Isto me ajuda a descobrir os novos significados das palavras, eu procuro no dicionário ou pergunto para as pessoas, pedindo que me dêem explicação, sempre vem palavras novas.*

Destaco, a seguir, algumas narrativas que mostram críticas e estranhamentos de alguns surdos diante de sua prática social com o Português em sua forma de apresentação nas legendas. Nota-se que, como base de críticas, eles usam de sua experiência visual para a compreensão da mensagem apresentada em sua sincronia com a legenda.

*RO: Às vezes vejo que a fala está rápida e a legenda atrasa-se.*

*RN: Às vezes a legenda tem duas linhas e vai muito rápido, as vezes saem as letras, é confuso e tem erros.(trecho suprimido)*

*C: Pois parece que é feito na hora em que estão apresentando a novela é que começam a digitar, erram muito, penso que deveriam preparar, estar pronto antes para colocar direitinho.(trecho suprimido)*

Para nós surdos, as legendas são algo estranho, representam um mundo de vozes que não são perfeitamente audíveis. Os sons que as legendas significam não fazem parte natural de nossas vivências, não temos uma memória auditiva onde possam, confortavelmente, se instalar, são sempre arduamente armazenados por meio de uma série de estratégias de articulação de informações. A isto se soma a velocidade com que devem ser mostradas e substituídas. Nem bem se consegue ler a legenda e ela já é seguida de outra. Nos causa também uma certa estranheza que em alguns momentos as legendas estão presentes, em outros não. Algumas palavras da língua portuguesa são acessadas pela legenda e que muitas vezes não são conhecidas por aquele significado, mas por outro, assim também a polissemia das palavras acaba sendo uma novidade para nós surdos.

Um dos aspectos que devemos ter sempre em mente é que para a pessoa surda as legendas são lidas e produzidas em uma segunda língua. A legenda é feita para as pessoas ouvintes, para que a leiam na sua primeira língua. Também podemos levar em consideração que os programas são feitos de maneira diferente que os filmes, onde as legendas são mais elaboradas para garantir o acesso de uma grande parte da população. Assim nos contam alguns dos integrantes da pesquisa:

*M: Pois no vídeo é bem gostoso, no canal é muito confuso e rápido demais.*

*R: Sorte que agora se consegue ter a novela Belíssima com legenda, mas é muito rápido e as vezes trocam às palavras, e gostaria que a legenda fosse amarela como nos filmes, as letras pretas e brancas ficam muito confusas.*

Sei das questões econômicas e os custos que envolvem as tecnologias para a colocação das legendas, e que o investimento para a colocação da legenda na cor amarela é a garantia da visibilidade. As legendas de cor branca não são tão facilmente acessadas, quer as pessoas que assistam sejam surdas ou ouvintes.

Assim, vejo que as legendas em programas televisivos são um assunto praticamente intocado pelas teorizações sobre mídia, a não ser em termos técnicos, encontrei bastante dificuldade em localizar materiais que me auxiliassem na busca pela aproximação das legendas e de suas possibilidades de interpretação e produção de sentido. Como não encontrava materiais que me permitissem ler outras experiências, os próprios surdos integrantes da pesquisa possibilitaram a produção de conhecimentos para a realização deste trabalho. Os próprios surdos estavam, no momento da participação na pesquisa, produzindo significados para a análise da mídia sem som e legendada, ou seja, estavam executando um processo de “fundação” do mesmo.

O sujeito que é interpelado pelos programas televisivos se confunde ora com o consumidor social, ora com o desbravador de si mesmo. Ele é um consumidor que não se resume a depositário sedento do irrefletido de desejos, nem uma busca desesperada de si; é um sujeito que entre o presente e o futuro luta para não ter o real como pesadelo, um sonho mais difícil de ser enfrentado do que o próprio sonho (SOUZA, 1994, p.23)

Diante de uma televisão há um desafio de reconhecer e compreender o que está sendo dito. Com as legendas (*Closed Caption*) a compreensão da mensagem é facilitada, mas não é uma relação tranqüila e suave. A compreensão não flui suavemente. É necessário fazer um esforço constante na leitura da legenda em conexão com a leitura da imagem. Algumas palavras são familiares, outras estranhas. Alguns programas oferecem mais elementos visuais. O convívio com a legenda é muito frustrante, pois não existe a sincronia com o programa, é muito rápida, dificultando a leitura e possui muitos erros tanto de português como de

palavras diferentes das usadas no programa. Sempre acreditei que o texto da legenda fosse igual ao texto falado, mas teve situações em que pessoas ouvintes que assistiam ao programa junto me avisaram de palavras erradas. Por ser rápida às vezes alguma palavra causa estranhamento, mas o tempo não permite a gente se preocupar com isso e continuamos lendo. Os ouvintes conseguem fazer essa avaliação da legenda por compararem com a fala apresentada. Esses erros nos fazem ter a sensação de que não há uma preocupação na legitimidade da digitação ou elaboração da legenda. Com estas informações, podemos agora partir para uma visualização da inserção do surdo na televisão, os seus movimentos em busca desta identificação, bem como as diferentes leituras e relações possíveis desse meio comunicativo.

#### **4 LEITURA E MOVIMENTOS E REIVINDICAÇÕES NA MÍDIA**

Dando continuidade, coloco nesta primeira parte do último capítulo a questão da leitura e dos movimentos de reivindicação na mídia, a poética da imagem e a leitura. Em seguida, através das entrevistas e com análises mostro como é passar para o outro lado. Não estar apenas diante da televisão, mas revisitar a própria vida através das novelas. Para isso, criei uma metáfora, como se a vida fosse um minimundo, uma caixa aberta, capaz de olharmos dentro e sabermos o que temos lá. Ainda e faço a pergunta: e se fosse em Língua de Sinais? Num terceiro momento, conto a respeito da visibilidade das pessoas surdas nas telas. Conto também com as entrevistas de Marlee Matlin, atriz que participou do documentário “Quem somos nós?”. No quarto momento, falo a respeito dos surdos nos programas televisivos, o programa jornal visual apresentado pela TVE do Rio de Janeiro.

##### **4.1 A Poética da Imagem e Leitura**

Neste capítulo, além dos entrevistados e suas falas, trago os que também atuam ou já atuaram na televisão, representantes diretos da comunidade surda. São pessoas surdas profissionais que atuam em filmes, seriados: Marlee Matlin, atriz que

trabalha nos Estados Unidos e Emmanuelle Laborit, da França. Em nível nacional, temos Nelson Pimenta, importante ator surdo aqui do Brasil e que hoje faz faculdade de Cinema no Rio de Janeiro. Também Cláudio Heringue Nunes Mourão - Cacau Bailarino que participava de uma importante companhia de dança do Brasil, Cacau nasceu em São Luis e hoje reside em Porto Alegre.

Conforme o que foi explorado no capítulo anterior, este trabalho tem como foco um tipo de recepção, onde os que recebem a informação são usuários de uma língua e de valores internos a uma comunidade. Uma comunidade de falantes que interpreta o mundo inteiro por movimentos e pelas visualidades que se abrem a seus olhos, interpretando assim também a sua própria posição em determinado contexto, sociedade, cultura. Um grupo social que se utiliza do meio televisivo, como um dentre os muitos meios existentes, mas que pela sua relevância no que diz respeito à produção de sentidos e manifestações culturais independentemente do grupo social considerado torna-se um objeto de ampla referência nas comunidades usuárias de Língua de Sinais.

No que concerne à recepção, é necessário que o domínio considerado seja complexo, a recepção seria considerada aqui como um “conjunto de relações sociais e culturais mediadoras da comunicação como processo social, ou atividade complexa de interpretações e de produção de sentido e de prazer” (SOUZA, 1998 apud ESCOSTEGUY e JACKS, 2005). Nossa aproximação do campo de pesquisa é, portanto, múltipla e portadora de diferenças conceituais importantes. Trata-se de sujeitos que se compõem numa rede produtora de significados e que se interpelam conforme as necessidades estabelecidas nas situações onde se colocam as questões da recepção e a problemática da comunicação que é o diferencial desta pesquisa. Não bastaria que explorássemos a questão partindo de uma “comunidade surda”, por isso se faz necessário que os outros sujeitos envolvidos no processo de recepção sejam considerados como fator intrínseco das interpretações e produções de significados. Achamos por bem utilizar a expressão “usuários da língua” para designar que os receptores nas situações exploradas podem ser tanto surdos como ouvintes, que se interpelam e interpretam mutuamente; os processos de recepção ocorrem num espaço de fronteiras lingüísticas e culturais, e por isso diferem dos aspectos estritamente constituintes de uma identidade surda. É um processo político e um espaço de reformulações de valores, significados, crenças e conceitos que variam conforme as diferenças das situações, posições, experiências, segundo Hall:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado, ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença. (2005, p.21)

Vejo que no momento de assistir televisão se trata de entender o que está passando na tela, resgatando toda uma trajetória de experiências anteriores em contato com uma representação do abstrato repleto de significações próprias de vários tipos de culturas, identidades e tempos vividos. O que é mostrado influi trazendo novos modelos à sociedade. Para o surdo, sua relação com a televisão é contraditória, por exemplo, embora o som não seja “ouvido”, ele é conscientizado e identificado na imagem. Nem um estímulo é trazido pelo som, apenas a noção que ele existe. A televisão não é contraditória a ponto de o surdo desistir de assistir, pois ele se identifica enquanto diferente sabendo da sua diferença. Segundo Claude Lévi-Strauss, citado por Eric Landowski (2002, p.21) “cada cultura se desenvolve graças aos seus intercâmbios com outras culturas. Mas é preciso que cada uma delas oponha alguma resistência a isso”. Assim, o encontro das culturas provoca uma progressiva uniformização, porém num equilíbrio instável. Estas forças (culturas) antagônicas não são da mesma natureza e, já que este intercâmbio provoca a uniformização, é preciso, se quiser limitar os efeitos desse processo, “querer” resistir. No caso, as culturas antagônicas seriam uma cultura sem o acesso ao som diante de uma cultura com base forte em estímulos auditivos. Assim, percebe-se que, apesar de não haver uma identificação clara do surdo com a televisão, por não se ver representado nela, ele resiste na sua diferença, por se encontrar através de seus estímulos visuais que provocam lembranças e estímulos gerando uma capacidade interpretativa própria apesar de em muitos momentos estas sensações serem diferentes das que possuem base auditiva devido à ausência do som. Essa recepção e a significação que se estrutura diante da imagem acontece com mais ou menos facilidade, dependendo da seleção de elementos participativos e componentes de diversas culturas, grupos sociais que permitem a identificação destas na imagem atingindo ou não o objetivo do produtor que pode ser desde audiência até a venda de um material da moda.

Como exemplo, lembro de quando me contaram que as propagandas de refrigerante e cerveja faziam barulho ao abrirem as garrafas como um estímulo sonoro. Para mim sempre houve o estímulo visual do refrigerante remetendo a uma memória que apesar de não poder sentir a sensação do gás gelado saindo e atingindo a pele, sua nuvem branca formando no bico da garrafa ou de vê-lo transbordar e jorrar pelo gargalo. Estes diferentes apelos à recepção permitem uma interpretação reforçando e promovendo opiniões a respeito do assunto apresentado na imagem. Este produto é bom, este refrigerante é o melhor e mais borbulhante, este tênis é o último grito da moda. Desenhos arrojados, cores sedutoras, conforto máximo, satisfação garantida. Mas por que este produto, qualquer produto, é de tão boa qualidade, a ponto de ultrapassar tantas barreiras, tantas linguagens? O que se revela neste conteúdo, nesta marca, neste logotipo, nesse *design*, que extrapola os limites das representações de grupos, regiões, países?

A propaganda expressa e a televisão faz ver aquilo que necessitamos, aquilo que supostamente é indispensável à nossa sobrevivência, as imagens do que se entende por um bem viver, uma vida sofisticada e confortável. Ou essa imagem que me é mostrada na tela é naturalmente um lugar de prazer que se assemelha com minhas expectativas, sendo indiferente, portanto se eu ouço ou não o barulho da garrafa de refrigerante sendo aberta; ou então há aí algum trabalho, alguma operação sendo realizada, cujas conseqüências são do fabricante desconhecidas e são acontecimentos próprios de uma cultura ativa.

Outrora se pensou na possibilidade do conhecimento da experiência do espectador para que se pudesse melhor penetrar seu mundo para dominá-lo, para tê-lo nas malhas da significação dominante e subjugando seu desejo a partir de um conhecimento prévio de sua maneira de entender o mundo (Ellsworth, 2001). Não é necessário dizer que o surdo não tem figurado nos planos das produções midiáticas, tanto das tramas ficcionais quanto das campanhas publicitárias. Pelo menos não explicitamente. Os surdos continuam consumindo os mesmos produtos que os ouvintes e, no entanto, têm uma relação diferente quanto ao acesso de sua difusão no meio midiático. Começa-se a desconfiar que há nessa aproximação entre surdos e ouvintes, dispostos nas mesmas lojas, portando-se como homens e mulheres que se digladiam em estamentos sociais, mais do que uma dominação que parte de estratégias objetivas de endereçamento e domesticação de clientela; algo se produz ativamente nos dois sentidos da comunicação social. De alguma forma somos

vistos, as imagens que acessamos parecem tão fascinantes que deve haver alguém pensando em nós, ou melhor, penso que esse alguém somos nós mesmos, no intervalo mesmo do ver simplesmente:

Ou seja, toda essa reflexão filosófica sobre o ato de olhar remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado ver de imediato – justamente porque sempre olhamos de algum lugar, a partir de um ponto de vista intuído, exercitado ou aprendido. (FISCHER, 2001, p. 57)

E os que são chamados de “grupos dominados” parecem emergir de uma complexa rede de produção de significações; a tradução da imagem já seria por si só uma recepção ativa, mas ainda temos o que poderia se chamar de “desconfiança” ou “estranhamento”, ou seja, os surdos estão no emaranhado de relações que batizam os produtos e as imagens na tela. Às vezes somente a imagem não é suficiente para produzir algum “efeito”, e as imagens parecem desprovidas de significado:

*Eu lembro que há algum tempo eu via meus pais assistindo televisão, o Jornal Nacional, no canal 12. Eu ficava admirado com as expressões faciais deles, assustados, minha mãe me falava: “Olha que horror, teve um estupro...” e tal, mas eu não me sentia sensibilizado com aquilo. Agora com as legendas eu posso ler e agora eu compreendo a preocupação da minha mãe. (R.20 anos).*

Barbero (2004, p.86) diz que “a palavra já não é fórmula, mas debate contraditório, discussão argumentada. Se a palavra é o instrumento da vida política, a escrita permitirá a divulgação do proibido”. Se antes tudo estava tão longe, tão desconhecido, hoje pelo menos na vida de R o proibido acaba sendo revelado.

R. declara que as imagens do Jornal exigem o complemento das legendas para que sejam inteligíveis, para que sejam inseridas em seu contexto e se tornem parte de seu sistema de significações, ou seja, as imagens do telejornal estão em prática desde o momento que para ele fizeram sentido. Isso significa que existem imagens que requerem mais explicações do que outras, e o telejornal veicula um tipo de imagem que pede um maior esclarecimento do que está sendo dito. Parece que necessita na imagem um contexto maior do que nela é apresentado. Para Fischer, “As coisas são configurações abertas que se oferecem ao olhar por perfis e



sob o mundo do inacabamento, pois nunca nossos olhos verão de uma só uma vez todas as suas faces“ (2001, p.56).

É preciso aqui esclarecer que existem surdos com vários níveis de compreensão da escrita, e isso varia conforme a escolarização, nível de surdez e relações familiares. Há famílias que se preocupam em estimular o surdo a aprender sua língua, no caso, a Língua Portuguesa escrita. A maioria dos professores ouvintes que trabalham em escolas de surdos tem pouco convívio com a comunidade surda e limitam-se a freqüentar apenas sua própria escola gerando uma baixa fluência na língua. Tem-se percebido que isto se reflete na metodologia de ensino de segunda língua a ponto de usar a mesma forma de ensino de ouvintes. Estes fatores acabaram gerando um senso comum de que o surdo não é capaz de aprender a ler e escrever, mas isto não é verdade. Porém, para que isto seja possível é necessária uma mudança em diferentes áreas. Podemos incluir social, familiar e escolar, por exemplo. Essa mudança é lenta pois, como já citei neste trabalho, a preocupação maior na escola nos últimos dez anos era com o ensino da Língua de Sinais como prioridade. Hoje a preocupação é mais direcionada para a aquisição da segunda língua, o Português. No primeiro capítulo, “A experiência de ser surdo e a relação com a mídia televisiva”, apresentei este assunto e reafirmo o incentivo que as legendas deram para a significação da aprendizagem do Português na escola, já que antes não fazia muito sentido. Hoje, constato através desta pesquisa que há um movimento que me surpreendeu, que é dos surdos tentando aprender da melhor maneira a leitura da Língua Portuguesa, não pela necessidade escolar, mas pela vontade de ler o que está na televisão, nas legendas, no mundo. As pesquisas têm mostrado o insucesso dos alunos na prática do uso do Português como prova do que acabamos de falar.

Pelo Censo Escolar de 2000 (fonte INEP – MEC), 80% dos alunos surdos ingressos na escola não completam o ensino fundamental e só 3% completam o ensino médio. A pesquisa americana citada por Duffy, que constatou que a média de leitura dos alunos surdos com o ensino médio completo corresponde à quinta-série do ensino fundamental, explica os resultados da pesquisa (LIRA), pela qual 50% de pessoas surdas, com ensino médio completo, não conseguiram entender o conteúdo das informações disponibilizadas em português, via legendas ou Closed Caption. As legendas automatizadas em português, em substituição aos textos sonoros produzidos pelos meios de comunicação via Closed Caption ou

mesmo legendas de melhor qualidade, produzidas para vídeos ou para filmes, não têm atendido de forma satisfatória à grande maioria da comunidade surda brasileira, que usa a Libras como sua primeira língua: além do reduzido número de surdos que adquiriram a língua portuguesa, tanto as empresas de comunicação quanto os fabricantes de aparelhos de TV não têm se preocupado em tornar disponível, em larga escala, essa tecnologia.(LIRA, 200?).

Porém, isto não prova que os surdos não aprendem a ler e escrever. A influência destes fatores na formação faz a diversidade da comunidade surda. Na Sociedade de Surdos, conversando com um casal de namorados, perguntei como era a relação deles com a televisão e o que eles apropriam do que é veiculado, N (22 anos) me contou: *“Uso diretamente o Closed Caption, já estou acostumada o Português, imagino se eu nascer somente LIBRAS!”* Então indaguei: e se não tem legenda? *“Pego DVD, tem legenda”*, disse ela. Pedi um exemplo de TV cabo e ela me disse: *“Ah sim, olho com prazer, mas imagina sem legenda, não agüento só ficar olhando imagens, desligo na hora!”* Fiquei mais curioso e perguntei: Mas você não percebe algo na imagem? E para minha surpresa ela respondeu: *“Ah sim, olho com prazer, imagina sem legenda, não agüento só ficar olhando imagens”*. Essa é uma constante que sempre aparece nas entrevistas e nas nossas vidas, ficar só olhando as imagens, alguns se acostumam com isso ao longo da vida, outros não.

Os diferentes tipos de formação e ensino fazem, como no caso de CC. (33 anos); em que é preciso tornar o uso do Português como que uma rotina, sempre contribuindo algum significado as palavras que aparecem. Como nossas mãos se movimentam a toda hora e nossas expressões substituem as vozes, necessitamos de algo que vemos em ação, que penetre nossos olhos e que as moléculas se juntem para adquirir informação. Apresento aqui o trecho de uma entrevista que nos permite pensar sobre isto:

*“Assim que minha mãe comprou o vídeo cassete eu fiquei apaixonado pelos filmes, por causa da legenda. Eu alugava vários filmes, às vezes uns 4 e passava a madrugada inteira assistindo. Pegava o dicionário e ficava assistindo e tirando as dúvidas quanto às palavras que eu desconhecia. (...) Isso me ajudou muito, pois eu aprendia as palavras. Depois de um tempo eu fui me acostumando a ler em Português, e fui deixando o dicionário de lado. Aí quando havia uma palavra que eu não conhecia eu conseguia abstraí-la do contexto do filme.”* (CC.)

No caso deste depoimento, ele nos mostra que a entrevistada ficou emocionada ao ver que existiria a legenda como suporte, sem ter que depender ou necessitar de alguém que pudesse traduzir, fazendo da sua autonomia o trampolim para poder conquistar um espaço próprio no caminho do crescimento da sua segunda língua, a Língua Portuguesa, que nos faz aproximar dos outros, referindo ou determinando até muitas vezes as profissões escolhidas.

Interessante que as vivências ligadas à aquisição da Língua Portuguesa definem não apenas o entendimento da legenda, mas também a escolha de filmes (no caso os filmes porque sempre possuem legenda) que são melhor compreendidos de acordo com as técnicas de compreensão para além do texto incluindo-se as imagens. Cito aqui um depoimento que esclarece isto:

*“A maioria dos surdos prefere filmes de ação, pois não entende muito bem o Português e se vale das imagens para entender o que está acontecendo. Eu gosto muito de filmes europeus, que têm mais diálogos, exploram mais as relações entre as pessoas. Mas geralmente os surdos não gostam desses. Acho muito positivo, por exemplo, se nós dois gostamos desse tipo de filme e temos mais coisas para discutir”.* (CAL. 28 anos).

Vejo como ela narra e penso de forma semelhante, com a luta da comunidade surda vem conquistado espaço pela necessidade da recepção, da “pureza” na sua aquisição da segunda língua, ou língua estrangeira, tanto na leitura como na escrita. Já nos acostumamos a ter imagens com mais ação para ter a percepção dos acontecimentos, nos meios, nas expressões que se encaixam, nas narrações em Português. No meio em que está acontecendo é que temos a ajuda para captar o conhecimento das palavras, os significados, encaixando as expressões do corpo e dos movimentos intensos. “Assim, as teóricas do cinema reconhecem que os públicos não são todos iguais e que os diferentes públicos fazem leituras diferentes e extraem prazeres diferentes, e muitas vezes opostos, do mesmo filme”.(ELLSWORTH, 2001, p.33)

Esse é um dos motivos pelos quais normalmente achamos mais acessíveis ter legenda, mas isso então implica em conhecer melhor a língua portuguesa e nos faz aproximar de outras vivências, de outros meios de outras culturas. Conhecer os significados e entrelaçá-los é que nos dá o suporte para a construção de novos significados, de coisas que nos tocam de maneiras diferentes a partir das diferentes vivências que possuímos e que construímos ao longo de anos.

Barbero (2004, p.33) também nos coloca a respeito do “direito ao reconhecimento de sua diferença e, por conseguinte, à sua memória, isto é, à construção de suas narrações e de suas imagens”. O que até então ficava vetado aos surdos por não possuírem um programa onde isso ocorresse. E ainda segundo o autor, “a própria televisão se converte em uma reivindicação fundamental das comunidades regionais e locais, em sua luta pelo direito à *construção de sua própria imagem*, se confunde como o direito à sua memória” (p.35). Sobre este assunto temos o seguinte depoimento:

*“Eu sinto falta de um canal para surdos. Só para surdos, como tem na Europa. Eu penso muito em um programa para jovens, como tem o Patrola para os ouvintes. É importante um programa para as pessoas se reconhecerem. Por exemplo, fazer entrevistas com os surdos, encontrar na rua e perguntar do que gosta, conversar com um professor e mostrar a vida dele. Mostrar de uma maneira real. Até como uma maneira de os ouvintes verem como é a vida de um surdo, conseguirem se aproximar, não terem medo (...) E que sejam mostrados de uma maneira normal, não como coitados, deficientes, mas de uma maneira normal” (CAL).*

Podemos visualizar nesta fala exatamente o que fala Barbero (2004, p.125):

O moderno se concebe, então, como o novo, o diferente, o que gera rupturas, o que amplia as perspectivas, mas também o que adentra territórios desconhecidos fomenta linguagens inéditas, estende suas coberturas de expansão e impacta outras ordens da vida social.

Estamos diante das telas no dia-a-dia e sentimos “falta” de programas com os quais possamos nos identificar; desejamos nos ver na tela. Tudo o que assistimos tem uma linguagem, uma cultura, uma identidade diferente. Precisamos aparecer e nos mostrar para nos valorizarmos, tanto por nós mesmos como pelos outros que nos assistem. Isso para que as pessoas ouvintes tenham acesso à informações ao nosso respeito e conheçam nossa língua. Assim, estaremos nos mostrando iguais aos outros e, ao mesmo tempo, diferentes, mas uma diferença individual que envolve a todos. Diferenças estas presentes na recepção da mensagem televisiva.

Se você compreender qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador, produzindo um filme de uma forma particular. (ELLSWORTH, 2001, p.12).

Podemos, então, perceber que esta particularidade não é tão exclusiva assim como citado na entrevista abaixo.

*“Como os negros que conquistaram espaço no cinema nos Estados Unidos. (...) Recentemente que eu vi no Brasil que os negros estão aparecendo mais (...) Que esses grupos diversos tenham chance. Que os surdos sejam um desses grupos que irão conseguir”.*(CC)

Como diz CC, os negros, enquanto minoria, já conquistaram o espaço nas telas do Brasil. Enquanto isso, a ocupação deste espaço pelos surdos não é suficiente. Remeto-me a algumas partes de novelas já mostradas, onde a relação social é com os “deficientes”, e percebo que não é tratado da mesma forma de uma maneira natural para mostrar surdo sem ter “rótulos”. O deficiente neste sentido é o que falta, o não completo, o não capaz, mas na verdade este não se sente assim. Não sinto falta de ouvir, afinal nunca ouvi e não tenho como sentir falta de algo que nunca tive. A relação que faço com os negros é que eles podem sim ter a questão da cor tão presente em sua vida, quem os olha percebe, enquanto que nós surdos podemos ser olhados mas não temos nada que diga a respeito de nós, até chegar à questão lingüística. Esse é o grande entrava, pois precisamos de alguém para nos interpretar, afinal, a maioria não conhece a nossa língua enquanto isso os negros tem uma autonomia para reivindicar as suas necessidades e suas lutas. Assim a televisão coloca todos como sendo iguais, mas o que vislumbramos é que as pessoas possam ser mostradas como tendo seus espaços, sua capacidade e com algumas conquistas a serem feitas. Como a atriz americana que ganhou Oscar nos Estados Unidos, já provada como “ícone” surda de sucesso entre as comunidades surdas diferentes países, mas que ainda não surgiu um filme produzido e estrelado por pessoas surdas. Esta luta por um espaço de reconhecimento real é constante e sabemos que longa. Uma das entrevistadas nos coloca em certo momento o sentimento que, na verdade, pertence a muitos de nós surdos, a luta constante, e que nunca chega o momento de estar sem pressão.

*“Eu sinto que em relação à televisão é uma luta constante. Sempre reclamando reivindicando, ficamos cansados. Parece que nunca temos paz”.*(CAL)

Tais lutas vêm sempre se repetindo, reivindicando os mesmos recortes, repetindo, parecemos que temos que ser mostrados aos outros, para que este nos

veja e que reconheça “olha sou surdo, tenho direitos de receber todas informações completas”, os outros necessitam ver algo que prove suas agarras, todas as vontades que eles têm, e que muitas vezes necessitam sentir a importância para nos ajudar. Este movimento insistente com o objetivo citado abaixo:

*“Queria que os surdos fossem mostrados de maneira normal”.* (CC)

Há uma relação de dependência onde necessitam de nós surdos para ver que somos normais e que o anormal pode ser aquele que ouve. Para mostrar que o normal pode ser muitas vezes também o “anormal”, para mostrar que outros também estejam “anormais” que outros incapacitados tenham conhecimento, que existe uma cultura das diferenças, digo compartilhamos muitas vezes as mesmas ignorâncias. Como outros não nos integram de forma natural, nem nós.

A inversão dos que conhecem e dos que são conhecidos, se muitas vezes os surdos não conseguem acompanhar o que os ouvintes estão tratando, também os ouvintes possuem um quase que total desconhecimento a respeito dos surdos. Criam nos seus imaginários algo do estranho, ou então do que não é visto de maneira natural.

*“Não somente em momentos especiais, onde é mostrado o deficiente “, mas sim integrado na história de forma natural”.* (André – Autor desta dissertação).

*“Estou cansada com essa história em relação ao surdo que é mostrar o quanto somos capazes. Sim somos capazes, desde que nascemos. Mas parece que não sai disso. Sinto que as pessoas me olham, desconfiam. Como se dissessem: ‘Ah certo, então ela é capaz”.* (CAL).

Os outros determinam quem somos, e nós surdos tentamos sempre, novamente, mostrar-nos de maneira diferente dessa homogeneizada que é falada a respeito de nós. É o olhar do outro sobre meu corpo que determina ao que posso ter acesso e o que me é vetado, como se não fosse capaz de realizar escolhas e colocar o que entendo ser o melhor para mim. Se em alguns momentos nos vemos cansados, em outros reunimos força pois sabemos que é preciso continuar.

Se não respondo do lugar situado no interior da relação social construída e interessado chamado diálogo, à qual você falou quando se endereçou a mim, então também você não está no lugar que você pensava. E essa é a crise social, política e pedagógica provocada se eu ousar recusar-me fazer dos interesses que subjazem à relação dialógica os meus próprios interesses. (ELLSWORTH, 2001, p.67).

Parece que o discurso da inclusão se aproxima do que fala CAL. O surdo é mostrado, indicado como diferente, no entanto ele é capaz de conviver com ouvintes. Quando na verdade procuramos uma outra forma de sermos tratados, como coloca Barbero (2004, p.70):

As televisões públicas deveriam encontrar um equilíbrio difícil entre uma programação generalista, isto é orientada para a maioria do público, com uma programação que leve em conta os direitos das minorias, aqueles que não costumam se acomodar às discricções das populações-objetivo.

Nós surdos nos encontramos como a maioria da população que em muitos momentos tem na ação a forma direta, como se fosse uma aptidão para compreender através da imagem o que está sendo transmitido. Temos nos filmes de ação, a facilidade de entender a expressão do rosto e do corpo. Esta preferência pelos movimentos aproxima-se da época em que não tinha legenda e havia muitos filmes heróicos, onde existia o lado bom e os lados maus, que ficava claro na tela, quem era o vilão e quem era o mocinho ou herói. Este sentimento de emoção faz parte da convivência, como a CAL disse que, precisamos procurar entender melhor o ouvinte, tentando arranjar algo de significado na expressão que passa na imagem, relacionando as experiências, encontrando o que é bom e mau. Já que ele tenta imitar ser vilão para poder garantir sua autoconfiança de sentir poder do papel MAIOR, isto se mostra forma sociedade faz o sujeito ter novas identidades variadas e tentando encontrar.

*“Quando criança eu via televisão mas não entendia muito bem, ficava observando. Via os filmes de bang-bang e gostava muito. Aos poucos fui percebendo quem era o vilão e quem era o mocinho. Isso me ajudou, pois me ensinou critérios, me ajudou a perceber a distinção entre bem e mal”.* (CC).

Como nossas mãos se movimentam a toda hora e nossas expressões substituem as vozes, que necessitamos de algo que vemos em ação que penetram

nossos olhos que nos captam. Barbero (2004, p.71) coloca a respeito de diferentes grupos ou tribos que possuem preferência midiáticas como por suas decisões vitais. A renovação dos públicos é acompanhada pelas modificações cognitivas, isto é, pelas diferentes formas de interpretação e apropriação das mensagens televisivas e de sua localização em outros contextos de suas vidas cotidianas.

*“A maioria dos surdos prefere filmes de ação, pois não entende muito bem o Português e se vale das imagens para entender o que está acontecendo. Eu gosto muito de filmes europeus, que têm mais diálogos, exploram mais as relações entre as pessoas. Mas geralmente os surdos não gostam desses. Acho muito positivo, por exemplo, se nós dois gostamos desse tipo de filme e temos mais coisas para discutir”.*(CAL)

Tendo o Português como segunda língua, nós vamos tentando encontrar palavras novas, fazendo à parte algum vínculo, encontrando algum significado, no meio, na sociedade, nas associações, ou seja, despertando novas palavras que nunca foram passadas através dos ouvidos, somente pelas bocas como algo superficial, muito mais longe de ser amigo do "som", de alguma forma tentando e fazendo ser amigo do "Português".

A relação com o Português sempre foi complicada por diversos motivos que não nos propomos a analisar nesta dissertação, porém todo meu trabalho resgata este interesse do surdo em aprender o Português diante da possibilidade de autonomia e liberdade de escolha no acesso a informação. Parece contraditório tendo em mente a história de recusa ao Português, mas também defendo neste trabalho a importância do significado da informação para que ela atinja o objetivo. No caso do Português, essa importância surge com a disponibilização da legenda em escala maior. Interessante perceber que, durante muito tempo, as escolas de surdos batalharam para ensinar a segunda língua com pouco sucesso, porém faziam isso impondo através da obrigatoriedade da leitura de textos escolares, oralização, leitura labial. Isso fez com que se acreditasse que os surdos não eram capazes de aprender a segunda língua. Falo sobre isso com mais ênfase no primeiro capítulo “A experiência de ser surdo e a relação com a mídia televisiva”, quando tratado do sucesso escolar ligado à oralização e memorização de palavras. E, enquanto se discutia uma melhor metodologia de ensinar a leitura e escrita, nos surdos estavam tentando aprimorar sua comunicação em LIBRAS, o que daria bases para a compreensão dos motivos da importância do Português. A diferença é



que antes o surdo ia para a escola via oralização; tentava imitar, decorava palavras sem nenhum significado e que seriam inúteis na sua vida a partir do momento que voltasse pra casa. Hoje, há o interesse de aprender o Português por abrir possibilidades de práticas sociais, acesso a informação e, conseqüentemente, a inclusão.

Este é o momento em que temos a possibilidade de sentir o outro lado. Sentir como é participar do movimento de informações, saber o que se fala e poder criticar e opinar. O que ficava antes sem significado por estar limitado a interpretação de imagens agora é possível pela inserção da legenda.

#### **4.2 Passando para o outro lado**

*Novelas " A vida vista num mini-mundo. Os programas... e se fosse em sinais?"*

Muitos surdos me contaram do seu gosto pela ficção. Um elemento que sempre percebi como surdo, é que as novelas rendem a nós uma gama de relações que, por exemplo, em família não acontecem por falta de uma comunicação mais clara e profunda sobre as coisas do cotidiano. Por exemplo, conflitos familiares e relações de amizade são temas abordados nas tramas das novelas que interessam muito aos surdos. Além disso, há um fator muito importante que é o fato de que os surdos analisados demonstraram preferir conversar e tentar entender os programas na presença de outro surdo, pois dos ouvintes (familiares, amigos, etc.) recebem apenas informações resumidas.

Por outro lado se o caso for um programa que tenha legendas, os surdos preferem estar ao lado de pessoas ouvintes, pois então conseguem tirar as dúvidas com relação ao significado de uma palavra, por exemplo. Temos como exemplo MAJ (19 anos), ouvinte, filha de um casal de surdos, que nos coloca:

*"Às vezes no SSRS pedem para traduzir a novela, todo público na minha frente, gosto porque sinto diferente, mas para papai é bom e para mim também é bom, mas televisão não muda nada, porque hoje tem legenda, antigamente não tinha, sempre estava ajudando, quando era pequena adorava traduzir para eles, às vezes não sabia os significados da palavra."*

A vida é vista em um "mini mundo" através das novelas, pois as relações que se estabelecem são resumidas, rápidas e bastante previsíveis, entretanto a novela têm sido um dos principais suportes para os surdos se interagirem ou ao menos tentarem compreender alguns significados que não compreendem. Martín-Barbero entende que:

Essa nova espacialidade não emerge do itinerário que me tira do meu pequeno mundo, senão, ao contrário, da *experiência doméstica* convertida pela televisão e pelo computador nesse território virtual ao qual, como expressivamente disse Virilo, "todos chegam sem que tenha de partir" (2004 p.34).

A novela é um tipo de programa que agrada tanto surdos como ouvintes, sendo a novela das 20h, geralmente da Rede Globo, o programa mais assistido entre surdos e ouvintes. Em sua pesquisa sobre este tipo de programa, Ondina Fachel Leal (2001) aponta a novela como um dos recursos de nossa sociedade para estabelecer critérios de seleção sócio-cultural.

Martín-Barbero entende as variações das relações entre receptores e meios como uma rede estruturada de conflitos entre práticas comunicativas e movimentos sociais. A partir desse ponto de vista, percebo a comunidade surda como que dotada de uma multiplicidade de conflitos diferentes, que são inerentes às comunidades, níveis de instrução, nível econômico que contribuem para diversos pontos de rompimento entre a Língua de Sinais e o Português.

Essa perspectiva vê o nascimento de novas identidades e sujeitos a partir das tecnologias de comunicação. Para poder pensar a questão da surdez, esse é um fator importante que revela que apesar, de as tecnologias existirem e se multiplicarem, e os sujeitos surdos estarem em profunda interação com esse meio, não há indícios de uma mudança significativa recepção direta em relação à surdez. Então acredito que seja realmente um conflito sócio-cultural mais abrangente, como uma rede de produção de tecnologias que simplesmente ignora o modo de vida de uma parcela da população.

Frente a essa questão, é instigante perceber que as comunidades surdas continuam a "conviver" com as novelas, sendo telespectadores e se identificando muitas vezes com as tramas novelescas. É intrigante também saber que o acesso aos programas é o fundamental; os surdos querem entender o que dizem as novelas por questões de envolvimento emocional. Emocional no sentido que as tramas dão aos surdos a possibilidade de "aprender" a se relacionar com os ouvintes e até com

outros surdos. Uma das pessoas que participaram desta pesquisa em determinado momento colocou a sua necessidade em assistir as novelas:

*Porque é um modelo dos diálogos que se passam na realidade.*

Na verdade são modelos de relações que dialogam, seja através das falas ou dos jeitos de vida dos quais a televisão nos mostra. Por ter vivido sem som no meio com a maioria ouvinte, onde pode se aprender por meio do diálogo. A televisão pode dar indícios de como penetrar, como me relacionar com os ouvintes nos diversos meios. Então questioneei a respeito de qual realidade estávamos conversando e ela me disse da realidade como se fala todos dias no meio da sociedade, como se vivem na rotina das pessoas ouvintes. Como se fosse possível a vida ser visitada de maneira transparente e completa, onde as realidades podem ser melhor entendidas, julgadas, aprovadas ou não. Através das novelas, tem-se a visão do cotidiano das pessoas não só a imagem, das relações, dos contextos que muitas vezes os surdos não tem acesso. O cochicho do ônibus da pessoa que conversa com a outra é para nós surdos só imagem, ou a leitura labial. Na novela, encontramos representações do cotidiano, do amor, do ódio, das famílias que não se entendem, das que são felizes num espaço e num determinado tempo. O enredo que se desenrola nas novelas é muitas vezes semelhantes ao que acontece na vida e que na realidade não fica tão claro para nós surdos. Apesar de não estarmos representados nas novelas, é uma espécie de interpretação para o que ocorre muitas vezes a nossa volta. Parece que conseguimos enxergar o que está ao nosso redor pelas cenas que são mostradas e os recursos utilizados. Barbero (2004, p.115) nos fala das novelas e coloca:

O relato telenovelesco remete também à longa experiência do mercado para captar, na estrutura repetitiva da série, as dimensões ritualizadas da vida cotidiana e, juntando o saber fazer contas com a arte de contar histórias, conectar com a novas sensibilidades populares para revitalizar narrativas midiáticas gastas.

Há uma contextualização do que está acontecendo nas novelas e em situações de vida, como quando realizei uma entrevista com um casal, A.L. e AN, casados, na faixa etária de 35 a 40 anos. Os dois são surdos e trabalham na área de educação. A entrevista foi realizada na casa do casal, no momento em que assistiam televisão. Enquanto fiz filmagem os deixei discutir a vontade. Fiquei só observando, propus participar depois para fazer as perguntas. Aqui está um recorte do que pensam em relação às novelas assistidas:

*“Ah novela tem legenda, se não tiveste, o que faríamos, fica prestando mais atenção, fico angustiado, gosto ter legenda, mas às vezes sistema falho alguns minutos”.*

É como Barbero (2004, p.84) nos coloca a respeito da luz e do ver: “Atrás da metáfora da *luz* está a do *ver*. Um ressalta, torna evidente. A outra observa, explora, analisa, contrasta. A primeira é um chamado físico ao público, a segunda, uma constatação atitudinal, pró-ativa”. Não basta apenas estar a luz ali, precisamos ver, precisamos receber o que está sendo enviado.

Temos a necessidade, além da imagem, da legenda, em interação com o que está sendo veiculado, um sem o outro fica complicado de compreender, pois AN conta que:

*Às vezes não tem legenda, mas tem Internet onde se encontra o resumo e às vezes olho no jornal, todo domingo tem resumo [da novela] da semana. É uma pequena explicação, mas facilita [para entender] o que se passa nas conversas, o diálogo da novela, isto faz compreender melhor.*

Há todo um conhecimento e um saber do receptor sem qual a produção não teria êxito. Portanto, temos que assumir toda essa densidade, essa complexidade da produção, porque boa parte da recepção esta de alguma forma não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos com em termos estéticos, narrativos, semióticos. Não há uma mão invisível que coordena a produção com a recepção. Há cada vez mais investigação, mais saberes. (BARBERO, 2002, p. 56)

A busca pelo entendimento não parcial da realidade ou da vida televisionada se faz uma constante na vida dos surdos, quando as informações não estão claras, não nos atingem são necessárias mais fontes para que se tenha uma idéia clara do que está sendo ditos e de quais as intenções. Fischer nos fala que “As imagens da TV tendem a fixar determinadas “verdades”, determinados conceitos universais” (Fischer, 2001 p.42). E nós surdos precisamos de uma comprovação, uma segurança. Não basta apenas ler na Internet, procurar outro canal que esteja passando a mesma informação, muitas vezes as coisas são colocadas de maneiras diferentes e algumas vezes não verdadeiras, há uma busca constante pelo entendimento claro e posteriormente por uma certeza. E nesta busca a questão da Língua Portuguesa e seus diversos significados. Thoma (2002, p.53) nos conta, a respeito das produções discursivas e das representações, que:

Os significados culturais organizam e regulam práticas sociais, influenciando nossas formas de entender e agir no mundo. Pelo uso que fazemos das coisas, o que nós pensamos, sentimos e dizemos sobre elas é o que lhes dá significado. Os significados culturais são atribuídos pelos participantes de uma cultura aqui entra em cena a discussão sobre o poder.

Assim, assistir televisão é uma prática na maioria das vezes dependente ou de recepção não completa, como também nos conta R., que foi chamado pela sua esposa para traduzir uma palavra, e depois mais outra, sobre a qual ela não sabia o significado. Hoje temos uma procura pelo entendimento do que até então não nos fazia sentido; temos uma dimensão ao ponto que hoje R. não assiste programas sem legenda, é como se não me tocasse em nada, preciso da legenda para que algo fique em mim, para que os sinais não voem, preciso de algo concreto. As palavras têm o poder de questionar de provocar de deixar a dúvida e de deixar claro o que até bem pouco tempo parecia tão longe e tão desconhecido, tornou-se próximo das nossas vidas que até certo momento pareciam não estar tão vinculadas a palavra. Landowski, em seus escritos sobre o sentido da diferença e as buscas de identidades, escreve:

Porque, para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça como um universo articulado – como um sistema de relações no qual, por exemplo, o “dia” não é a “noite”, no qual a “vida” se opõe à “morte”, no qual a “cultura” se diferencia da “natureza”, no qual essas grandezas diferem entre si varie de caso para caso, o principal, em todos os casos, é o reconhecimento de uma diferença, qualquer que seja sua ordem. Só ele permite constituir como unidades discretas e significantes as grandezas consideradas e associar a elas, não menos diferencialmente, certos valores, por exemplo, de ordem existencial, tímida ou estética. (LANDOWSKI, 2002, p.3)

Um dos entrevistados conta que, quando não havia legenda na televisão, *“muitas vezes voltava para casa sem ter o que fazer, às vezes olhava a TV, novela, mas nem entendia o que se passava, pedia para minha mãe traduzir.(AL)”* Um fato bastante marcante na vida dos surdos é o pedido para alguém traduzir, algum próximo, da família, mãe ou muitas vezes os próprios filhos.

Todos estes fatores deveriam ser levados em consideração quando pensamos em como é recebida a TV por uma pessoa que não tem mesma percepção que as pessoas ouvintes, como podemos observar nas entrevistas que seguem. Quando a entrevistada coloca que *“Não fica tão completo, tem algumas falhas, e não interpreto bem o português”*. E eu pergunto, se ela diz isso somente quando não tem legenda, ela coloca que: *“Tanto pode ser com, ou sem a legenda”*. Peço exemplos, e ela diz que: *“Muitas vezes o texto é perfeito, às vezes entendo e outras vezes não, se a novela me chama atenção, consigo penetrar mais no entendimento”*. Assim AN nos mostra que precisamos ter base alguma base do que está sendo veiculados, um conhecimento do meio, do mundo das pessoas ouvintes e as vivências que nos rodeiam, as experiências, isto facilita a leitura tanto das imagens como das legendas e melhora o entendimento. Em outros momentos, vejo que nós surdos produzimos significados a partir da negociação que nos propomos a buscar todos os meios disponíveis de acesso às informações que não temos ainda garantido.

### **4.3 A visibilidade de uma pessoa surda nas telas**

*O sangue faz circular fluxo nas veias e traduz como amigo da Morte que irá tirar seus calores de dor...*

*As palavras nunca dirão sair na boca do É, irão matar suas vozes.*

*(Reichert, 2006)*

Em uma entrevista, a atriz Marlee Matlin diz que se surpreendeu com o roteiro, e com a facilidade de adaptação do texto para que fosse interpretado por uma atriz surda, sendo que o filme não dava importância à questão específica da surdez, mas sim que outras questões eram retratadas no filme. Título original *What the Bleep Do We Know?* (Quem somos nós), ano 2004, duração 109 min, os diretores: William Arntz, Betsy Chasse e Mark Vicente. Não quero supor nada em relação à escolha de uma atriz surda para esse papel, isto consistiria em uma interpretação ingênua, mas quero me deter no que o filme produz enquanto uma ficção/documentário que problematiza as questões humanas a partir da experiência de uma pessoa surda, e

como isso pode construir uma perspectiva mais geral, envolvendo a experiência da surdez, a política atual e questionamentos filosóficos. É uma questão pertencente à própria linguagem que o filme explora; a personagem surda envolvida com suas dúvidas, neuroses e imaturidades, ao mesmo tempo em que o mundo em sua volta se desvela como um grande emaranhado de possibilidades que a levam a pensamentos que transformam a sua vida.

As políticas que envolvem o filme são, além de os fatores sócio-econômicos que povoam o mundo contemporâneo, conceitos que problematizam a identidade humana enquanto ente possível num mundo estável. Há uma cena onde são mostradas experiências com moléculas de água que seriam como que receptoras de mensagens lingüísticas afetando sua estrutura molecular. As moléculas foram expostas a palavras, que denotavam sentimentos como paz, guerra, amor, ódio, etc.; as moléculas afetadas pela palavra amor, por exemplo, tinham um brilho e forma que evidenciava sensações agradáveis; já as moléculas expostas ao ódio tinham uns aspectos soturnos, envoltos em uma carga negativa.

Ética e estética se cominam de uma forma um tanto previsível, emitindo juízos de valor que são constantes no pensamento moderno, e, dentro de tal paradigma, é difícil não se complicar em termos lingüísticos como produtores de uma realidade essencial que remetem tanto às palavras como à gestos, expressões e movimentos corporais. Tanto fala oral como manual podem ser considerados como expressões de um regime moral que rege nossas vidas, o significante como uma pedra no sapato de qualquer pensamento que pretenda desarticular valores e promover a singularidade de um tipo de expressão. A essas alturas, Língua de Sinais e língua oral se equivalem terrivelmente.

O filme mostra uma maneira já bem conhecida de se relacionar com o mundo segundo critérios modernos; as diferenças abstraídas de um bem maior a ser alcançado. Os depoimentos dos físicos vão no sentido de uma nova ética em prol da conscientização dos seres humanos em relação à sua condição de entidades quase metafísicas sem deixar de lado os valores solidários e homogeneizantes da sociedade ocidental.

#### **4.4 Surdos nos programas televisivos: o Jornal Visual**

No Rio de Janeiro, em maio deste ano foi inaugurado nova versão de apresentação um jornal para surdos. Uma nova forma de imagem e veiculação de noticiário o qual é apresentado por duas pessoas intérpretes em tela cheia, ou seja, não na janelinha como estamos acostumados a ver, mas em toda tela, como os demais apresentadores de telejornais. É um único programa jornalístico diário na TV aberta ( TV Educativa) voltada para os surdos. Com entrevistas no estúdio na edição das sextas-feiras, a pauta com reportagens, também destaca as notícias nacionais e internacionais, além de assuntos relacionados diretamente ao seu público principal. Assim, além de cumprir o papel de informar, o programa é hoje uma referência para a comunidade.

Esta forma de inclusão é limitada porque o tempo é muito curto, apenas cinco minutos. No momento, é desprezado pela forma de tratamento, pela pouca quantidade do tempo dedicado a neste programa que passa durante 5 minutos. Além de o espaço dedicado ao programa ser curto, é quase impossível assistir, Por às 12h30min. Neste horário geralmente as pessoas estão no meio das suas atividades da vida pessoal, sem tempo de chegar em casa e assistir ao jornal. O Jornal Visual existe há 16 anos e acredito que teria melhor audiência se fosse veiculado no momento em que as pessoas estão em casa.

#### **4.5 Campanha “Legenda Nacional”**

No Rio Grande do Sul, ocorre um importante e movimentado festival de cinema, durante o mês de Agosto; assim, aproveitando que a imprensa estava reunida, a Sociedade se Surdos organizou-se para estar lá reivindicando legenda nos filmes nacionais. Cerca de 100 pessoas participaram deste evento. Chegando fomos assistir a um filme de produção brasileira legendado “CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS”. O filme trata sobre dois mundos distantes que se encontram em pleno sertão nordestino. Ranulpho (João Miguel) se encontra por acaso com o alemão Johann (Peter Ketnath), que viaja por várias cidades vendendo o medicamento e exibindo filmes promocionais do produto. Alguns dos que estavam assistindo não gostaram, pois faltava ação. A imagem parada e quase sempre a mesma não trazia nenhum elemento novo para a interpretação do Português, conforme já foi



comentado no segundo capítulo onde coloco “O olhar surdo sobre os programas televisivos”.

O mais interessante para esta pesquisa aconteceu quando o filme terminou. Encontramos nos num dos estandes do festival, espaço cedido pela Petrobrás, empresa que apóia a campanha, e começamos as discussões. Quero deixar claro que não foram entrevistas, mas conversas em que aproveitei para perguntar como era a recepção dos filmes, e assim foi acontecendo à expressão de diversas opiniões e, com isso, fiquei apenas coletando os dados – sem influenciar as opiniões. O ponto central das opiniões é a antiga e já conhecida questão da Língua Portuguesa e da Língua de Sinais. Enquanto alguns criticam a escola e as metodologias usadas para o ensino da Língua Portuguesa, outros acham que se deve ir atrás das alternativas onde haja a valorização da Língua de Sinais e não uma aproximação com o que está encaminhado. Nota-se que alguns surdos não conseguem ler ou escrever de maneira compreensível, falta metodologia para o ensino de Português para surdos como segunda língua ou língua estrangeira, eles acabam tendo que decorar a língua.

Há uma grande preocupação com os dvds; existem legendas em várias línguas, mas de nada adianta se o surdo não souber ler, então por que não pensar em uma alternativa na Língua de Sinais? Existe hoje um projeto piloto em Curitiba-PR, onde há a imagem e as diversas falas, em vez de ter legenda existe uma pessoa/ intérprete, recortada e colocada na imagem, assim, aparece perto da pessoa que está falando, quando outra pessoa é quem fala ela é deslocada para o lugar desta outra, uma interessante alternativa. Mas o mais importante é a questão política que está por trás destas discussões, se a garantia das legendas durante 24 horas em todos os canais com tecnologia aprimorada ou programas com a Língua de Sinais. Vejo que muitos de nós queremos ter seus programas em Língua de Sinais pensando em muitos surdos que não sabem ler, garantindo o acesso as informações, enquanto outros surdos também pensam na possibilidade de aprendizado da Língua portuguesa através das legendas. Em medida de urgência reivindicamos a legenda, por ser mais econômico e urgente.

As relações entre as mídias chamam a atenção para a democratização das comunicações, a salvaguarda da intimidade das pessoas e a inconveniência das práticas monopolistas. Por isto, nos últimos anos ocorreram processos de reforma das leis sobre

comunicação numa grande quantidade de países, buscando adaptar uma regulamentação que logo se desatualiza a respeito dos requerimentos sócios e políticos que favorecem as novas tecnologias da comunicação. (BARBERO, 2004, p.72)

Conforme falo nos capítulos que intitulo de “A experiência de ser surdo e a relação com a mídia televisiva”, e em “O olhar do surdo sobre os programas televisivos”, há os movimentos surdos e onde conto um pouco das histórias de reivindicações nestes últimos 10 anos. A maioria dos surdos diz que é importante aprender a Língua Portuguesa para garantir a sua participação na sociedade em que vivemos, e no caso de ter legenda ou *Closed Caption* em todos os programas onde Português apareça como uma língua viva em nossas vidas e que se movimenta, onde se aprende a cada dia de maneira natural.

Porque estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa, nem pode significar, a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo o que isto implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos. Pois é por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, videocliques e hipertextos. (BARBERO, 2004, p.62)

Também de maneira natural deveria ocorrer às crianças surdas o acesso ao TDD, telefone usado pelas pessoas surdas para se comunicarem, o acesso também à cultura surda. Assim como hoje em dia as novas tecnologias de comunicação que estão disponíveis a partir da informática, como a webcam. Esses recursos facilitam o cotidiano e permite que o surdo tenha liberdade de comunicação.

Atualmente existem campanhas para colocação de legendas nos filmes nacionais bem como a disponibilidade de intérprete nas peças teatrais, mas esta disponibilidade não é comum. “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”. Essa campanha visa garantir o acesso a produção cultural aos surdos por meio da legenda. Além de nós surdos estão engajados muitos artistas. Assim como o comentário do organizador colocado, no site sobre a campanha.

‘A campanha pela legenda em filmes nacionais foi uma idéia minha. Sou portador de deficiência auditiva com grau profundo, mas

obtenho um grande ganho com uso de aparelho. Em 29 de abril deste ano, a minha turma combinou de ir para o CINE-PE - Festival de Audiovisual 2004, na cidade de Recife/PE, para assistir vários filmes nacionais e me senti excluído. Então pensei: “o que eu estou esperando? ”.

No último dia do CINE-PE (5 de maio de 2004), cerca de cem amigos e familiares foram ao Centro de Convenções de Pernambuco, sede do festival, para apoiar a campanha sobre a necessidade de colocar legenda no filme nacional. Ainda durante o evento, conseguimos o apoio de várias pessoas do cinema, como Cacá Diegues, André Gonçalves e outros. E as adesões continuam.

Meu objetivo é aumentar o número de pessoas conscientes dos direitos dos deficientes e, assim, ter força para lutar por um ideal de igualdade nas atividades de lazer. Existem várias associações preocupadas com a acessibilidade dos deficientes, inclusive procurando patrocínio. É preciso aprofundar a discussão para encontrar a solução mais adequada. É oportuno lembrar a famosa frase: ‘Se não houvesse esperança, não estaríamos lutando’.

A iniciativa é importante, pois essa campanha é rara no Brasil devido à falta de consciência sobre a questão do direito ao lazer para todos. As pessoas ficaram sabendo e comentaram que nunca tinham parado para pensar nesse problema. É natural para elas que ouvem que o filme brasileiro não precise ter legenda em português. (LEGENDA, 200?)

Esta proposta da campanha atende ao Artigo nº 215, da Constituição Brasileira, que garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acessos às fontes da cultura nacional. Também está em projeto a lei para que as distribuidoras de filmes para exibição em salas de cinema e os organizadores de exibições de peças teatrais e demais obras dramáticas e cenográficas ficam obrigados a legendar as obras exibidas ou a oferecer interpretação do texto. Os filmes exibidos em salas de cinema deverão ser legendados em língua portuguesa. Assim como os filmes destinados à divulgação de músicas; as peças publicitárias; os filmes de curta metragem e as obras exibidas em caráter não comercial ou em festivais e mostras competitivas. Cabe aos locais que disponham de mais de uma sala de exibição, oferecer simultaneamente a mesma obra, optando por limitar a exibição da cópia legendada a apenas uma sala. Em alguns países como a Noruega, Finlândia, Espanha, Estados Unidos entre outros, é usual a veiculação de legenda em canais da televisão 24 horas por dia bem como nos cinemas.

Assim, este trabalho se dedicou a problematizar algumas questões sobre o entendimento da mensagem transmitida pela mídia por pessoas surdas. Apresentei alguns recursos disponíveis e algumas dificuldades e problemas enfrentados por nós que desejamos ter o acesso a informações que nos interessam em nosso cotidiano,

em nossas vidas e profissões. Concluo este trabalho resgatando minha trajetória de pesquisa.

## 5 CONCLUSÕES

Nos tempos em que fiquei pensando num barzinho e comendo o meu prato de doce preferido, torta de limão, e tomando o chá preto, em minha volta e em silêncio eu estava sentado e observando as pessoas que escutam e tem suas percepções dos barulhos e ruídos. Como imagino os sons, ruídos e tenho a experiência da vibração, os interpreto como sons imaginados. Naquele momento estava diante de uma tela com seus movimentos e com suas imagens, ou seja, a televisão, ali comecei a perceber que as pessoas ouvintes estavam conversando sem prestar atenção, e que outros solitários vinham assistindo à tela com imagens e imaginando as situações se misturando nas suas vidas. Então perguntei para uma mulher conhecida que estava sentada ao lado da mesa, se havia som na televisão e ela disse-me que não. Alguns minutos se passaram e ocorreu em minha mente que todos os que estavam presentes estavam exatamente como eu e outros surdos, que vivemos sem ter a captação do som, somente a imagem. Neste momento percebi que era isso que poderia ser a minha proposta de mestrado e que poderia mostrar que temos as mesmas capacidades de perceber e não somente a relação negativa que está atrelada a nós surdos, sem termos o som para nos transmitir algo de significativo. Avaliava em como nos subjetivamos a cada recepção diferenciada.

Logo pensei se poderia dividir o meu idealismo, para com as pessoas que amo e me rodeiam. Também por admiração a outros, queria tentar dividir as idéias que estavam a minha volta. Fui atrás, conseguir fazer mestrado era esta a intenção. Por admiração escolhi a linha de pesquisa que tinha como orientador o Dr. Skliar, que além de mim possui outros apreciadores de seus escritos e do seu trabalho no Rio Grande do Sul. Suas palavras foram me soltando, a força foi se depositando, pensava nas pessoas que necessitam de algo diferente, alguma mudança, já nesta ocasião eu estava no meio do movimento surdo que vinha crescendo e eu tendo o reconhecimento político na comunidade surda. Afinal, pensar nos que não puderam estar aqui é também trazê-los para este trabalho, é uma forma de colocá-los comigo neste espaço de aprendizagens.

Ao aproximar-me do final dessa etapa, sinto que muitas vezes foi inevitável controlar as ondas bravas no mar que me assolaram, apesar de certas experiências vividas, novos conhecimentos e novos conceitos que se fizeram presentes a cada

novo dia. O sinal ou palavra que encontro para melhor definir esse momento é que perdi. Sim, “perder”, pelos vários momentos angustiantes e doloridos, como um grito sobre a pele, uma pele que em muitas vezes não foi tocada. A questão da língua, que muitas vezes me impediu de ter um contato mais profundo, mais verdadeiro, que realmente me atingisse e me fizesse sentir toda aquela emoção de quando entrei e de todos os anos de expectativas, de esperanças e de vontade de estar aqui. No meio de toda correria que foi estar no mestrado, ser pesquisador, sinto que como um esvaziamento ao longo da caminhada, de estar sempre correndo em busca de algo e nessa busca perder muitas coisas que são tão importantes.

Lembro-me de todos anos da minha vida cheios de planos quando ingressei no mestrado. Imaginava que quando pudesse chegar ao final do curso teria novas perspectivas para divulgar a pesquisa, novas propostas, outros horizontes para expandir as idéias, infelizmente surgiram dificuldades e estar no mestrado não foi como gostaria ou imaginava. Sei que são poucos que conseguem chegar até aqui, mas gostaria de ter encontrado uma estrutura melhor na Universidade.

Durante o tempo em que estive sendo orientando houve mudança do orientador para outro País, e como eu necessito estar na presença da outra pessoa para discutir, para dialogar, pensar junto e isso não foi possível de acontecer entre nós. Além disso, não tive grupo estudos surdos para que pudesse fazer outras leituras, trocar com meus colegas mestrados, enriquecer os trabalhos. Antigamente na UFRGS, havia o Núcleo de Pesquisa de Estudos Surdos, o Nuppes, isto com certeza facilitaria e qualificaria as pesquisas que são aqui realizadas, não somente esta. Como já tivemos o professor Dr: Skliar que abriu muitas portas aqui na Ufrgs para outros surdos que também já tiveram a oportunidade de estar concluindo o mestrado e o doutorado, atualmente penso na importância que é ter alguém neste lugar de pesquisa no campo dos estudos surdos na academia.

Sinto que poderia ter abarcado outros conhecimentos, outras idéias, novas trocas e não como ocorreu na maior parte do tempo onde a pessoas com a qual eu discutia e dialogava eram os intérpretes a partir de suas idéias, das leituras feitas por este, dos livros que lemos em conjunto e das conversas longas e aprofundadas que tivemos. Os intérpretes foram muito importantes no andamento do mestrado. Também aprendi muito com co-orientadora que aceitou me orientar e esteve disponível nos momentos necessários.

Atualmente, têm ocorrido muitas coisas boas, e gostaria de no próximo passo, o doutorado, poder fazê-lo de forma diferente do que foi fazer o mestrado. Passei por dificuldades, sim, todo eu as temos, mas penso mais especificamente com orientações mais próximas. Tudo o que tenho até hoje foi todo proveitoso e estar com os professores das disciplinas, que foram muito atenciosos e preocupados com o meu desempenho, foi positivo para estar aprendendo as coisas que me ajudaram coletar os dados e teorias da pesquisa.

Muito do que está na pesquisa me surpreendeu e algumas vezes fui pego fascinado pelo que aí está, vejo que das muitas coisas temos ainda algo a mais para aprender. Tem uma pergunta que continua na minha mente, e sei que mais importante do que as respostas são o porquê me fazem pensar, dar significados às coisas, sentir na pele, ver o que há de real. Tudo o que me pertencia, que estava em minha volta, as pessoas que tem admiração por eu estar perto delas, discutindo as propostas do meu trabalho na relação da “Mídia Televisiva Sem Som”, me fizeram produzir um novo conhecimento, me provocaram a ter novos conceitos, me instigaram a pensar o que estavam me colocando sobre a atualidade e que na televisão, pode ser pensada como apenas mais um dos meios da comunicação. Um lugar em que podemos mergulhar, sentir-nos mais próximos dos sentidos de vida, como o que mostro na pesquisa e tem mostrado em relação as nossas reivindicações.

No início, pensava que seria uma pesquisa sobre a recepção da leitura na Língua Portuguesa, como nós enquanto comunidade, temos dificuldade ao acesso do entendimento do Português. Pensava que seria um trabalho que poderia ajudar a entender os outros e a questão da legenda para enfim termos novas estratégias. Logo me surpreendi, pois atualmente o que percebo, através da pesquisa, é que a Língua Portuguesa é tão importante para os novos aprendizados do dia-a-dia e como isto facilita a sua aquisição como segunda língua para nós surdos. Além disso, que é uma forma natural de contato com a língua escrita, pois está a todo o momento sendo mostrada nas legendas, diferente da imposição muitas vezes feita nas escolas, pois a qualquer momento pode ser lido em qualquer lugar e a toda hora.

Este trabalho tem mostrado, a partir de uma análise geral, a mudança de reivindicação da comunidade surda, e que se mostra em relação à preocupação das lutas de direito ao acesso da sua Língua de Sinais. Todos os movimentos radicais

para ter direito as informações em Língua de Sinais, dos últimos 10 anos, transtornaram-se no que atualmente coletei na pesquisa, mostrado e justificado como mais preocupante a questão de aprender a Língua Portuguesa, para uma aproximação com a sociedade de maneira geral. Alguns se preocupam que não é suficiente ter intérprete o tempo todo na televisão, pois gera um custo muito elevado. Também, que o uso de legendas, pode ser proveitosa para aprender o Português no dia-a-dia como as pessoas ouvintes o fazem e têm todo acesso as informações a toda hora. Dessa maneira precisaria haver uma forma de aproximação da Língua Portuguesa como segunda língua, uma vez que todos os entrevistados usavam a Língua de Sinais para se comunicar. Neste sentido, a idéia é de como subjetivariam a forma de perceber através do meio de comunicação a Língua Portuguesa.

Mais adiante a pesquisa mostrou que a legenda na TV é aproveitada para a aprendizagem da leitura do Português. Nos momentos em que não tem legenda, já é hábito olhar as imagens, sem entender diretamente, ou usando algo do qual depende, ou então optando pela leitura labial, visto que este pode ser outro acesso, ou canal de entendimento. A maioria de nós tem a vivência de olhar nos lábios das pessoas que emitem o som, já que não vemos o som nem o sentimos, podemos ver o movimento dos lábios e os significados possíveis para os quais fomos adaptados anteriormente.

Em alguns momentos apareceram críticas quanto aos intérpretes na televisão, o que dá então a preferência para as legendas. A parte que incomoda é que o espaço dedicado aos intérpretes é muito pequeno, dificultando o acesso à Língua de Sinais. Percebe-se a preferência ao acesso em relação a Língua Portuguesa, como lidar com esta gama de informações e apelos midiáticos que nos bombardeiam através dos nossos olhos, significados que mostram a forma de administrar o conhecimento das palavras em Português. Em outros momentos ,percebe-se a necessidade de, em alguns programas, contar com a interpretação para a Língua de Sinais, mas contando em todos os momentos com a opção para a legenda.

A presença de todos foi muito importante, conviver com amigos e intérpretes, também alguns amigos que estiveram mais próximos. Como se estivessem me acompanhando com suas idéias num pôr-do-sol, onde possa refletir os raios mesmo que o sol se vá, ventos batendo sob pele e se juntando ao conhecimento do mundo. Me faz pensar em todos os conhecimentos, já que meu pensamento capta os seus



ventos e que, compartilhando, podemos ter várias mudanças de temperaturas, de lugares diferentes, já que não trago apenas minhas dificuldades para aflorar meus projetos. Infelizmente, gostaria de ser como vento que tem liberdade, mas me sinto como a terra que necessitada de um chão firme para pousar. Para seguir a trajetória necessito de mapas que me mostram para onde posso caminhar, qual o caminho a seguir. Sim, é na terra que tomamos as decisões, não enquanto viajamos no ar, mas quando aterrizamos e encontramos aqueles que querem caminhar em conjunto, que têm algo a trocar e a receber.

## REFERÊNCIAS

BARBERO, J. Martín; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC, 2004.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamentos: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Nunca fomos humanos nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2001, (p. 8 – 76).

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FISCHER, Rosa M. Bueno. **Televisão e educação: Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Habitantes de Babel:** Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2001.

LEGENDA para quem não ouve, mas se emociona. Disponível em: <<http://www.legendanacional.com.br/campanha.php>> Acesso em: 20 maio 2006.

LIRA, Guilherme de Azambuja. **Tlibras<sup>1</sup> Tradutor Digital Português x Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/293/boltec293d.htm>> Acesso em: 20 maio 2006.

LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez:** A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos:** a caminho do bilingüismo. Niterói: EDUFF, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2001.

SKLIAR, Carlos. **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOUZA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

THOMA, Adriana da Silva (Org.); LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: a inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

THOMA, Adriana da Silva. **O Cinema e a flutuação das representações surdas: que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva.** 2002. 259f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness.** Washington: Gallaudet University Press, 1996.